



Tânia Sofia Lobato da
Costa Andrade

Importância do Brincar

Quais as competências adquiridas durante o
Brincar no desenvolvimento infantil?

Relatório do Projeto de Investigação
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Dezembro de 2014

Constituição do Júri:

Presidente: Professor Doutor Albérico Afonso

Arguente: Professora Doutora Angela Lemos

Orientador: Professor Doutor Augusto Pinheiro

Brincar pode marcar a diferença

Entre uma criança que se aborrece

E uma criança que floresce.

Brincar pode também marcar a diferença entre

Um adulto que sofre com a rotina do dia-a-dia

E outro que fica feliz, por poder partilhá-lo com ela.

Índice

Resumo:.....	5
Introdução	8
1 - Quadro teórico de referência.....	11
O papel/função do educador de infância	11
O Brinquedo	15
O Brincar	17
O jogo.....	20
3 – METODOLOGIA	24
Observação Participante em brincadeiras de faz-de-conta.....	28
Descrição dos Contextos	28
4 – Apresentação e interpretação da intervenção	34
5. Considerações Globais	50
Bibliografia	55
Anexos.....	57
Entrevistas às Educadoras	58
Entrevistas aos Encarregados de Educação.....	66
Entrevistas às Crianças do Jardim-de-Infância	69
Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 3 anos:	69
Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 4 anos:	70
Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 5 anos:	71
Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 6 anos:	73

Resumo:

Como brincam as crianças nos dias de hoje? Qual a importância dessa atividade para o seu desenvolvimento? O que desenvolve a criança durante as suas interações?

Ao longo do trabalho, serão abordadas estas e outras questões consideradas pertinentes, a fim de compreender a importância do brincar durante o desenvolvimento infantil.

Segundo alguns autores, o brincar é uma atividade complexa onde se interliga a ficção com a realidade, ou seja, ao brincar as crianças recebem estímulos e informações do meio que as rodeiam, fazendo com que estas reproduzam ações relacionadas com o modo como percebem o meio envolvente. À medida que vão crescendo, as crianças vão adquirindo conhecimentos relacionados com a percepção do mundo onde vivem, aprendendo a lidar com múltiplos estímulos que lhes é apresentado.

Para se compreender o universo lúdico, serão abordados diversos conceitos, tais como brinquedo, jogo e brincadeira. Durante o brincar, as crianças interagem umas com as outras através da comunicação verbal, sendo esta uma característica fundamental do brincar. Iremos também abordar o papel do educador, com base no apoio que este disponibiliza às crianças, de modo a enriquecer as múltiplas aprendizagens que poderão advir da atividade lúdica.

Para a elaboração da monografia recorri à investigação ação que é uma das metodologias qualitativas de investigação, que me dá a possibilidade de intervir ao mesmo tempo que observo. Para além da observação direta realizei entrevistas às crianças, a um grupo de pais e a 3 educadoras de infância.

Após toda a recolha de informação e tratamento de dados foi possível concluir que as educadoras que acompanhei durante a intervenção/ação têm em comum, na sua prática pedagógica, a noção da importância do Brincar, onde salientam que este ato é fundamental e essencial para o bom desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

Palavras-Chave: Brincar, Brinquedo, Jogo, Papel do Educador, Desenvolvimento da Linguagem.

Abstract: How do children play in today's present world? How important are these activities to their behavioural growth?

What part of these playful activities helps nurture such interactions? We will look at and analyse all of these and other pressing questions which are deemed to have a considerable impact and importance to a child's development throughout the years of their infancy. According to many authors, the act of playing is a complex one where fiction meets reality. Children are stimulated by their surroundings and their environment. With age, children evolve, expand and capture ideas through relationships with their surroundings and activities on a more complex level to allow them to multi task behaviours in various ways.

To enable us to fully understand the world of play we will take a deeper look at concepts such as toys, games and role-play. One of the most fundamental processes of the act of play is verbal communication. Children integrate with one another mainly through this very precise channel. We will explore the role of the teacher and the stepping stones they provide children in helping them through the important journey that we know as the act of play.

Is it how that in the days of today, the children play? Which the importance of this activity for his development? What develops the child during his interactions?

Along the work, these will be boarded and other respected relevant questions, in order that understanding the importance of playing during the childlike development.

According to some authors, playing is a complex activity where the fiction is interconnected with the reality, in other words, while playing the children receive stimuli and information's of the way that surround them, doing so that these reproduce actions connected with the way of like perception the involving way. While vain grow, the children are acquiring knowledge's connected with the perception of the world where they live, learning to deal with multiple stimuli that it is presented to them.

In order that the playful universe is managed to understand, several concepts will be boarded, such as toy, play and joke. During this activity, the children interact a few with others through the verbal communication. The paper of the educator will be going to be boarded, on basis of the support that this have to the children, in way to make rich the multiple apprenticeships that will be able to result from the playful activity.

For the preparation of the monograph resorted to research action which can also be named as qualitative research, as it gives me the opportunity to intervene while I watch. In addition to direct observation conducted interviews with children, a group of parents and 3 kindergarten teachers.

After all the information collection and processing of data it was concluded that the educators that followed during the operation / action have in common, in their teaching, the notion of the importance of Play, which point out that this act is crucial and essential for the good intellectual and emotional development of children.

Tags: Playing, Toy, Game, Role of educator of childhood

Introdução

Ao longo da prática pedagógica em Sala de Creche e Jardim de Infância apercebi-me de que haviam alguns temas que poderiam ser abordados no meu estudo, porém, um deles chamou-me a atenção pelo facto de sentir que talvez fosse um tema desvalorizado pela sociedade, sendo este a importância do brincar. Na verdade, observei que para alguns pais o brincar é visto como um passatempo que as crianças têm sem qualquer tipo de finalidade específica. Todavia, em conversas informais que tive com ambas as Educadoras Cooperantes ao longo da minha prática pedagógica, quer em Creche quer em Jardim de Infância, elas expressaram a mesma preocupação em relação à importância do brincar. Para estas profissionais da educação é essencial que a criança se relacione com o mundo através deste ato, interagindo com objetos, adultos, crianças e mesmo consigo própria, proporcionando desta forma um melhor desenvolvimento pessoal e social.

O meu estudo foca-se na Sala de Jardim de Infância pois para mim, este grupo de crianças dos 3 – 6 anos mostrou-me como é importante que os adultos se envolvam nas suas brincadeiras, pois elas agem com base no que observam e vivenciam.

O brincar é uma ferramenta muito importante e necessária durante o processo de desenvolvimento humano. Nos primeiros anos de vida, as crianças quando estão envolvidas no “brincar” desenvolvem a inteligência e aprendem progressivamente a representar simbolicamente a sua própria realidade.

É imprescindível pensarmos no tempo em que nós adultos, enquanto fomos crianças, brincámos ao jogo da macaca, aos polícias e ladrões, às mães e aos pais, entre outras brincadeiras, sendo estes os momentos mais felizes para nós.

Hoje em dia, o brincar deverá ter a mesma importância, cabendo aos adultos o papel de proporcionarem momentos de brincadeira social espontânea ou brincadeira dirigida, a fim de promover um bom desenvolvimento nas crianças, tanto ao nível cognitivo como físico.

É na infância que as crianças aprendem as bases necessárias para o seu desenvolvimento nos aspetos físicos, motor, social, emocional, cognitivo, linguístico e comunicacional, como tal, as atividades realizadas com jogos são essenciais para o desenvolvimento da criança em cada uma destas áreas.

Através da realização deste trabalho, o meu objetivo passa por compreender ainda qual é a importância do brincar para as crianças com idades compreendidas entre os 3 e

os 6 anos, e qual é a importância que esta tem para os adultos que fazem parte da vida das crianças.

Por outro lado, tento discernir modalidades de intervenção pedagógica que possam otimizar as situações de brincadeira para que sejam efetivamente relevantes para a felicidade das crianças e para o seu desenvolvimento pleno.

Face à problemática escolhida, verifiquei que a investigação mais adequada será a aplicação da metodologia qualitativa, e mais exatamente, a metodologia da investigação-ação, pois através desta, poderemos compreender melhor a importância da atividade lúdica para o bom desenvolvimento da criança, assim como encontrar modos de intervir que intensifiquem as situações de brincadeira, tornando-as realmente relevantes para o quotidiano das crianças.

A investigação é um processo rigoroso e sistemático onde se descreve ou interpreta a realidade, e se encontram modalidades de intervenção pertinentes para melhorar um dado aspeto da nossa prática pedagógica, o que exige um conhecimento profundo, por parte do investigador, dos métodos e técnicas que a permitem desenvolver.

Tal como referi anteriormente, a observação e intervenção ocorreu numa sala heterogénea sob o ponto de vista etário, ou seja, com crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. Nestas idades, as crianças preferem passar a maior parte do seu tempo a brincar de preferência nas áreas ou no exterior, ao invés de passarem muito tempo sentadas, por exemplo, a escrever os seus nomes, números ou ler livros.

No brincar podem-se propor desafios a partir da escolha de jogos, brinquedos ou brincadeiras por parte do adulto. Através destas atividades, o educador desenvolve aprendizagens de conhecimentos específicos, como a matemática, a língua, valores culturais, morais, auxiliando a criança no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e linguístico.

Cabe ao Educador proporcionar atividades que enriqueçam os conhecimentos das crianças, através do lúdico, de modo a que estas ao mesmo tempo que brincam, adquiram também novas competências e conhecimentos.

Eis algumas questões que me coloquei para o desenvolvimento deste projeto: Será que o brincar é entendido e valorizado pelas pessoas que cuidam e educam crianças? Em que medida é que é dado espaço e oportunidade à criança para que esta se envolva numa brincadeira? O que proporciona o brincar numa criança? Como podem os adultos

influenciar nas brincadeiras das crianças? Brincar baseia-se num ato isolado sem fins de aprendizagem?

É importante que cada vez mais se dê ênfase a este ato, pois uma criança que está envolvida no lúdico aprenderá certamente de forma mais rápida e adequada, pois sem dar conta está a adquirir conhecimentos imprescindíveis que irá utilizar/aplicar na sua vida futura.

O trabalho está dividido em quatro partes, sendo estas, o quadro teórico de referência, a metodologia utilizada durante todo o processo de investigação, a respetiva interpretação dos dados recolhidos e observações realizadas e as considerações finais.

1 - Quadro teórico de referência

Para dar início ao quadro teórico de referência penso ser importante começar por abordar o papel do Educador de Infância, salientando as funções a desenvolver na educação. Seguidamente de modo a fomentar o tema abordado, irei abordar o conceito de brincar e algumas das suas componentes como a brincadeira e o jogo e em que medida este tema se torna importante para o desenvolvimento da criança.

O papel/função do educador de infância

No dia 30 de Agosto de 2001, foi publicado pelo Diário da República o Decreto-Lei nº241/2001 onde é aprovado o perfil específico para o desempenho profissional do educador de infância. Cabe ao educador elaborar o currículo que será desenvolvido através da planificação, organização e avaliação de atividades e projetos envolvidos no ambiente educativo com o objetivo de proporcionar boas aprendizagens às crianças. O educador de infância é responsável pela organização do espaço, utilização de materiais diversificados e que promovam diversos estímulos às crianças, tendo sempre presente o contexto e experiência de cada criança. Quanto à gestão/organização do tempo, o educador deve ter em conta a importância da rotina, gerindo de forma flexível todo o dia, permitindo à criança uma interiorização de todos os diversos momentos do dia. O educador tem de estar em constante observação às crianças, tanto individual como em grupo, com o objetivo de planificar projetos ou atividades que vão de encontro às necessidades das crianças. As suas planificações têm como objetivos auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, aumentando os seus conhecimentos. As atividades planificadas seguem objetivos transversais e abrangentes nos vários domínios curriculares.

A relação educador-criança-família tem de ser harmoniosa, transmitindo segurança, promovendo autonomia e cooperação, envolvendo as famílias e comunidade nos possíveis projetos a desenvolver ao longo do ano letivo.

Ser educador de infância não é para qualquer pessoa. Para que se exerça esta profissão é necessário que a pessoa tenha uma visão da criança como um ser muito especial, compreendendo-a, envolvendo-se no seu mundo de fantasia e auxiliando-a a ver/descobrir o mundo que a rodeia.

O educador de infância é o profissional responsável pela organização/implementação de atividades educativas auxiliares no desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social de todas as crianças nas faixas etárias compreendidas entre os 0 e os 6 anos de idade.

Pode-se dizer que o educador de infância é um apoio/auxílio importantíssimo na vida de muitas famílias, uma vez que as crianças passam grande parte do seu dia em instituições educativas, devido ao facto dos seus pais/cuidadores terem de obedecer a um horário de trabalho que lhes ocupa todo ou quase todo o dia/semana.

Sendo assim, cabe ao educador de infância auxiliar as crianças ao longo do seu processo de crescimento, envolvendo-as em atividades sociais indispensáveis, motivando-as e encorajando-as para a interação, o convívio e cooperação com outras crianças mesmo de faixas etárias diferentes, através de brincadeiras e atividades de grupo.

O educador de infância é visto pela criança como uma pessoa que mantém o controlo de todas as situações vivenciadas dentro da instituição educativa, porém é essencial que o educador se mantenha o mais imparcial possível para que não influencie as decisões individuais de cada criança, e também não deverá ter atitudes comportamentais agressivas, discriminatórias e conflituosas que possam influenciar negativamente a criança.

É também de sua competência organizar e aplicar os meios educativos necessários ao desenvolvimento integral da criança, sendo estes o psicomotor, afetivo, intelectual, social e moral. Compete-lhe ajudar as crianças na aquisição de competências básicas essenciais para a vida diária tais como os hábitos de higiene.

Todo o educador de infância desempenha um papel de observador, tentando sempre compreender a necessidade que cada criança tem, dando por isso uma especial atenção à capacidade expressiva da mesma, tanto a nível oral como a nível gráfico, e posteriormente estimula a criança no sentido desta articular as palavras e ser capaz de se pronunciar com uma maior clareza, aumentando assim o seu léxico e o seu pensamento.

Também é de sua competência incentivar a criança para o gosto pela música, conto de histórias, o respeito e partilha de livros e o gosto pela expressão comunicativa linguística.

Para que o educador consiga “trabalhar” de forma adequada com o seu grupo, é essencial que este conheça cada criança no seu íntimo, ou seja, o educador deverá de ter conhecimento sobre o meio familiar onde a criança está inserida, se existe alguma

carência/necessidade tanto para a criança como para a própria família, levando-o a fazer uma pesquisa com o objetivo de descobrir como e o que deverá então trabalhar com cada criança e mesmo com cada família, formando deste modo um grande elo/ligação entre escola-criança-família.

O mundo da criança é repleto de descobertas e fantasias, num processo constante de mediação entre a realidade e a sua interpretação. Sabe-se que da infância fazem parte vários períodos do desenvolvimento sendo estes o cognitivo, motor e afetivo. Porém, para que todo este desenvolvimento seja produtivo para a criança, é essencial o papel do adulto.

O adulto pode e deve estimular a imaginação das crianças, despertando ideias, questionando-as para que elas próprias procurem soluções para os problemas que surjam. Além disso, o adulto deverá entrar no mundo da fantasia da criança, procurando estimular as suas interações e servindo de modelo, ajudando-as a crescer.

É importante proporcionar um ambiente rico para a brincadeira e estimular a atividade lúdica no ambiente familiar e escolar, lembrando que rico não significa existir muitos brinquedos, significa sim fazer com que elas explorem diferentes linguagens que a brincadeira possibilita (musical, corporal, gestual, escrita), estimulando a criatividade e a imaginação.

Através de uma observação atenta, o educador poderá aperceber-se de que a sua participação será interessante para enriquecer a atividade desenvolvida, introduzindo novas personagens ou situações que tornem o jogo mais rico, aumentando assim as aprendizagens.

“A sensibilidade de saber como e quando intervir no brincar – ou não – é necessária e depende do conhecimento a respeito das crianças e da natureza do próprio brincar.” (Lesley Abbot, citado por Dulce Ferreira,2010)

A solicitação dum criança ao adulto para brincar, além de ser uma demonstração de amor da sua parte em relação ao adulto, funciona como um pedido para ajudar a conhecer e explorar o Mundo.

Ainda através da observação e participação do adulto no mundo imaginário da criança, este tem a oportunidade de definir critérios como:

- A duração do envolvimento da criança num determinado jogo;
- As competências dos participantes envolvidos;

- O grau de iniciativa, criatividade e autonomia;
- A verbalização e linguagem que acompanham o jogo;
- Construção do conhecimento, raciocínio e capacidade de argumentação;
- Evidências de comportamento social, como a cooperação, colaboração, conflito, competências, integração, entre outros.

Para que a brincadeira esteja presente e se desenvolva na vida da criança, é necessário, acima de tudo, que os adultos que a acompanham diariamente valorizem esta atividade, que reconheçam a sua importância para o seu desenvolvimento e para o seu crescimento. Se estes considerarem a brincadeira uma perda de tempo e uma atividade fútil, é pouco provável que a criança desenvolva ao máximo as suas capacidades.

Os adultos que reconhecem à brincadeira a sua importância não terão apenas e sempre como alvo as aprendizagens da criança, mas também o seu prazer em movimentar-se, imaginar, construir, conviver com os pares, oferecendo deste modo experiências e descobertas apropriadas para a sua idade.

Para favorecer a brincadeira numa criança, o adulto deverá facultar-lhe uma certa margem para decidir ao quê e como quer brincar, dando-lhe o controlo da brincadeira, uma vez que uma brincadeira dirigida pelo adulto arrisca-se a perder o seu carácter lúdico: na verdadeira brincadeira, a criança é o mestre.

Se o adulto estiver convencido de que brincar é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento global e harmonioso da criança, valorizá-lo-á no dia-a-dia, deixando-lhe o poder de agir como lhe agrada, apesar de tentar de uma forma indireta manter um certo controlo.

Ouvir e observar o que a criança diz, e como diz, é o meio mais eficaz para compreender como se está a processar o desenvolvimento da linguagem em qualquer criança. É importante que o adulto esteja atento às produções de cada criança para que a interação dual estimule comportamentos linguísticos, alargue campos de intervenção e corrija desvios.

O Brinquedo

O Brinquedo é considerado como sendo a ligação existente entre a criança e o mundo, pois é através deste que a criança comunica as suas emoções, pensamentos e conflitos, servindo de incentivador da brincadeira. Estes deverão ser explorados pelas crianças, e não deverão ser utilizados como objetos decorativos inacessíveis à criança, pois os brinquedos que não brincam não servem o seu propósito de construção.

Kishimoto (1994) cita Beart (apud Campagne,1989,p.28) que caracteriza o brinquedo como “...um objeto de suporte à brincadeira da criança, quer seja concreto ou ideológico, concebido ou simplesmente utilizado como tal ou mesmo puramente fortuito”.

Este pode ser estruturado e não estruturado. O brinquedo estruturado é aquele que quando é adquirido já está montado, por exemplo, bonecas, carros, bolas, entre outros. O brinquedo não estruturado é aquele que não é industrializado, é um objeto simples como paus, areia, pedras, que nas mãos das crianças têm outras funções.

No que diz respeito à escolha adequada do brinquedo, este deve seguir alguns critérios para que o seu manuseio seja concretizado da forma mais adequada, segundo Campagne (1989, p.113) citado por Kishimoto:

- Valor experimental – permite uma correta manipulação e exploração;
- Valor estrutural – proporciona um bom desenvolvimento intelectual da criança;
- Valor de relação – reforço para a socialização entre adultos, crianças e o meio envolvente;
- Valor lúdico – a sua manipulação e exploração permitem a aquisição de novas aprendizagens;
- Idade – deverá estar adequado a cada faixa etária, respeitando todos os estádios de desenvolvimento cognitivo;

Cabe ao educador a escolha correta dos brinquedos que estarão disponíveis na sala para que as crianças possam fazer boas aprendizagens através da sua exploração exaustiva, que ao longo de todo o ano letivo irão dar ao brinquedo.

Como tal, segundo Vygotsky (1984) “...o brinquedo tem um papel importante, aquele de preencher uma atividade básica da criança, ou seja, ele é o motivo para a ação”.

O Brincar

Segundo o **princípio 7** da Declaração dos Direitos da Criança (UNICEF 20 Novembro 1959) *“A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos.”*

As primeiras brincadeiras da criança permite-lhe descobrir e determinar os limites do seu corpo, e em seguida, começa por manipular objetos que lhe dá a conhecer as características desses objetos, tais como se é duro, macio, leve, pesado, entre outros. Durante a sua manipulação, a criança explora diversas possibilidades desses objetos, utilizando-os de várias maneiras.

Para Vygotsky (1984) quando a criança brinca adquire noções espaciais, aprende, desenvolve o seu cérebro para funções como o falar, o andar, o sentir (sentido tátil) e a se relacionar com outras crianças e adultos.

O modo de brincar e o género de brincadeira em que a criança se envolve, modificam de acordo com a etapa de desenvolvimento em que a criança se encontra. Cada criança tem a sua maneira de organizar o pensamento, fazendo com que ao brincar, cada uma exprima os seus medos, desejos, experiências, etc.

Para Kishimoto (1994, p.68) o brincar é muito importante no desenvolvimento da criança, sendo também fundamental para o desenvolvimento da linguagem e da fala. O brincar auxilia a criança na aprendizagem da fala, uma vez que esta tenta exprimir em palavras tudo o que vai no seu pensamento durante a ação lúdica.

Para Piaget (1975) a aquisição da comunicação e o seu desenvolvimento depende de vários fatores como o biológico, afetivo e social.

Dentro dos aspetos biológicos destaca-se o processo de maturação do sistema nervoso central, ou seja, este vai evoluindo e especializando-se. O sistema nervoso central é responsável pelo desenvolvimento global do indivíduo.

Nos aspetos afetivos e sociais estão as interações da criança, a confiança que lhe é transmitida, a atenção dada a tudo o que envolve o meio em que está inserida. A criança aprende através da interação que teve com o meio, sendo esta realizada também através do brincar.

Quando a criança está a brincar, os pais/cuidadores, conversam com ela, apresentam-lhe objetos que fazem ou não barulho, captando a sua atenção, e aos poucos através do barulho o bebé começa a emitir todos os sons que ouve.

Para podermos compreender um pouco melhor a visão de Piaget (1971) sobre a construção da inteligência da criança, é importante que tenhamos conhecimento de alguns estádios de desenvolvimento por que a criança passa ao longo do seu crescimento.

Segundo Piaget (1971) no início do seu crescimento, o bebé brinca através da experimentação com o mundo, ou seja, manuseia objetos que consegue alcançar, atira-os, bate com eles no chão ou no local onde se encontra, empilha-os, explorando assim esses objetos através do brincar. A esta fase dá-se o nome de sensório-motor, sendo caracterizada pelo início do desenvolvimento cognitivo, correspondente aos dois primeiros anos de vida.

Já na fase do jogo simbólico, a criança começa a dar sentido/significado a símbolos. Nesta fase, a linguagem evolui com uma maior rapidez, influenciando a evolução da brincadeira e da própria linguagem.

Quando a criança não brinca, poderá ser sinal de que algo não está bem, podendo surgir sequelas dessa não ação, como por exemplo, dificuldade em se relacionar com os outros, adquirir inúmeros medos, e outras perturbações.

Os adultos que convivem com crianças deverão ter em atenção a forma como a criança brinca, ou não brinca, e no caso de haver dúvidas, deveram contactar um psicólogo, um pedagogo ou outro profissional da área que seja capaz de dar uma orientação específica.

Também para Wallon (1998), o desenvolvimento cognitivo dá-se através da interação entre ambientes físicos e sociais, sendo que os avós, pais, educadores e outros, ajudam a proporcionar à criança várias atividades, promovendo diversas ações e permitindo desta forma que a criança vá construindo o seu saber cultural e permita que esta o vá modificando através das suas necessidades biológicas e psicossociais. A brincadeira é de extrema importância, pois é desta forma que há uma relação entre situações do pensamento e situações reais.

É necessário que os pais tenham a noção da importância do brincar para o bom desenvolvimento físico e psíquico do seu filho.

Segundo Kishimoto (2010) *“Crianças em idade pré-escolar devem brincar, porque é através da brincadeira que elas se expressam, se relacionam socialmente, interpretam o seu cotidiano, inventam histórias, respeitam e tomam decisões”*.

O jogo

Segundo Kishimoto (1998), o jogo lúdico abrange o termo brincar, uma vez que diz respeito ao que é considerado à primeira vista, como sendo inútil, referindo-se a uma atividade em si mesma que não visa qualquer outro fim, mas que na realidade tem grande importância no processo de desenvolvimento a longo prazo.

Porém o jogo sem qualquer objeto palpável não consegue atingir o seu pleno objetivo final, sendo que:

(... os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil” (Piaget 1976, p.160).

Sabe-se através da história da humanidade, que o jogo é a raiz e a essência da cultura humana e que o impulso lúdico é o motor do desenvolvimento da mesma.

Um dos recursos pedagógicos para a Educação Infantil é o jogo, uma vez que através dele a criança adquire múltiplas aprendizagens.

Pode-se então dizer que o jogo é essencial para que o desenvolvimento infantil se dê com toda a sua potencialidade e globalidade possível.

Para Piaget (*in* Sprinthall & Sprinthall, 2000), o jogo vai-se tornando mais significativo à medida que a criança se desenvolve, pois a partir da manipulação de diversos materiais, ela passa a reconstruir objetos, reinventar situações, exigindo desta forma uma adaptação completa. Essa adaptação não é nada mais do que uma relação entre a assimilação e a acomodação.

O brincar, através do jogo lúdico, apresenta características diferentes de acordo com o desenvolvimento das estruturas mentais, e segundo Piaget (*in* Sprinthall & Sprinthall,2000) há 3 etapas fundamentais:

Dos 0 aos 2 anos de idade – Jogos de Exercício:

Neste período, a criança vai adquirindo competências motoras e aumentando a autonomia. Vai preferindo o chão ao berço, demonstrando alegria nas tentativas de imitação da fala, entre outros, revelando o prazer ao nível da descoberta do seu corpo através dos sentidos.

Elabora as suas brincadeiras à volta da exploração dos objetos através dos sentidos, da ação motora e da manipulação – características dos jogos de manipulação. Estes jogos oferecem sentimentos importantes de poder e eficácia, bem como fortalecem a autoestima. Deste modo constituem peças fundamentais para o desenvolvimento global da criança.

Dos 2 aos 6/7 anos de idade – A simbologia surge com um papel fundamental nas brincadeiras, como são exemplo o “faz-de-conta”, as histórias, os fantoches, o desenho, o brincar com os objetos atribuindo-lhes outros significados.

Os jogos simbólicos são possíveis dado que, nesta fase, a criança é já capaz de produzir imagens mentais. A linguagem falada permite-lhe o uso de símbolos para substituir objetos.

O jogo simbólico oferece á criança a compreensão e a aprendizagem dos papéis sociais que fazem parte da sua cultura (papel de pai, mãe, médico, entre outros).

A partir dos 7 anos de idade – As brincadeiras e jogos com regras tornam-se cruciais para o desenvolvimento de estratégias de tomada de decisões. Através da brincadeira, a criança aprende a seguir regras, experimenta formas de comportamento e socializa, descobrindo o mundo à sua volta. No brincar com outras crianças, elas encontram os seus pares e interagem socialmente, descobrindo desta forma que não são os únicos sujeitos da ação e que, para alcançarem os seus objetivos, deverão considerar o facto de que os outros também possuem objetivos próprios que querem satisfazer.

Piaget refere-se da seguinte forma às características e potencialidades do jogo no que se refere ao processo de desenvolvimento:

“O jogo é portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu” (Piaget, 1976, p.160).

Prosseguindo, Piaget enuncia as implicações educativas desta sua análise:

“Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando,

elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil” (Piaget, idem).

Tal como Piaget, Wallon (1979, p.60) classifica os jogos em 4 tipos:

- **Funcionais** – representação de movimentos simples como encolher os braços e pernas, movimentar objetos, entre outros;
- **Ficção** – brincadeiras faz-de-conta;
- **Aquisição** – observa ao mesmo tempo que aprende;
- **Construção** – combinação de objetos.

Segundo o autor, o caráter emocional em que os jogos se desenvolvem é de extrema importância. Referindo-se à faixa etária dos sete anos, Wallon (1979) demonstra o seu interesse pelas relações sociais infantis nos momentos de jogo:

“ A criança concebe o grupo em função das tarefas que o grupo pode realizar, dos jogos a que pode entregar-se com os seus camaradas de grupo, e também das contestações, dos conflitos que podem surgir nos jogos onde existem duas equipas antagónicas”. (Wallon, 1979, p.210).

Para Wallon (1979), a atividade lúdica é um meio de exploração. Por exemplo, um grupo de crianças decide brincar desenvolvendo vários papéis, fingindo que são pais e mães e que vão acompanhar os seus filhos até à escola. As crianças estão a incorporar papéis sociais e utilizando os adultos como modelos.

A criança que faz de bebé imita o som do mesmo, as mães pintam-se antes de sair de casa, os pais utilizam gravata, logo ao mesmo tempo em que estão envolvidas no mundo faz-de-conta, as crianças estão fora dele, dizendo uma à outra o que fazer, comentando os respetivos papéis.

Através do jogo, a criança estimula o domínio da habilidade comunicativa, facilitando a autoexpressão. O seu desenvolvimento intelectual é reforçado pelo exercício de atenção e pela utilização progressiva de processos mentais complexos, como por exemplo, discriminação e comparação, e pelo estímulo à imaginação.

Todas as vontades e desejos das crianças são possíveis de serem realizados através do uso da imaginação, que a criança faz através do jogo.

Também Vygotsky (1998) tem a sua opinião em relação à importância do jogo na vida da criança. Para o psicólogo não é a espontaneidade do jogo que torna a atividade

importante para o desenvolvimento da criança, mas sim, o exercício no plano da imaginação da capacidade de planejar, imaginar diversas situações, representar vários papéis e vivências do dia-a-dia, bem como, o carácter social das situações lúdicas, os seus conteúdos e as regras inerentes a cada situação.

Durante o jogo simbólico a criança produz comportamentos através da representação de papéis, projeta valores, hábitos e comportamentos para os quais não está preparada na vida real, atribuindo-lhes significados que estão distantes das suas possibilidades efetivas.

Segundo Vygotsky (1998) ao entrar para um mundo imaginário, a criança cria a chamada zona de desenvolvimento próximo, sendo esta a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolução de problemas sem qualquer ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto.

Durante o momento de brincadeira, a criança tenta adaptar as suas ações ao que possivelmente já vivenciou, e como tal Vygotsky (1998) salienta:

“Todos conhecemos o grande papel que nos jogos da criança desempenha a imitação, com muita frequência estes jogos são apenas um eco do que as crianças viram e escutam aos adultos, não obstante estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzem no jogo de forma absolutamente igual e como acontecem na realidade.”

Todavia, nem tudo o que a criança produz pode ser encarado como uma garantia de que já passou por uma situação idêntica, por vezes a criança recorre a varias informações que anteriormente assimilou e numa mistura de vivências tenta formular o seu ponto de vista. Como tal:

“O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança” (Vygotsky, 1999:12).

3 – METODOLOGIA

A situação problema deste trabalho foca-se na importância das atividades espontâneas e dirigidas na vida das crianças, ou seja o brincar, e tentar compreender o que desenvolve nas crianças.

A investigação é caracterizada pela utilização de conceitos, teorias, linguagem, técnicas e instrumentos com a finalidade de dar respostas aos problemas e interrogações que se levantam na sociedade em geral. No que respeita à investigação socioeducativa, esta é composta por várias metodologias, sendo as mais utilizadas a investigação-Ação, investigação Participativa e a investigação Colaborativa/Cooperativa.

A metodologia que foi utilizada para a concretização da minha monografia/trabalho de projeto refere-se ao paradigma interpretativo, ou seja, o paradigma qualitativo ou interpretativo dos valores do investigador que exercem influência no processo. O objeto de análise é formulado em termos da ação que abrange o comportamento físico e ainda os significados que lhe atribuem o ator e aqueles que interagem com ele.

“Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (Bogdan e Biklen,1994, p.48).

A investigação interpretativa contempla as causas e motivações dos vários acontecimentos. Por exemplo, a sala de creche/jardim-de-infância é como um sistema social complexo onde ocorrem influências diretas e indiretas.

Jacob (1988) referido por Walsh D. et al (2002,p.1038) caracteriza o processo investigativo em três fases:

“A investigação é orientada num cenário natural, é enfatizada a compreensão das perspectivas dos participantes e as questões e os métodos emergem do trabalho de campo desenvolvido.”

Na investigação qualitativa os investigadores inspiram-se em métodos utilizados na investigação antropológica e etnográfica. As chamadas observações naturalistas, isto é, as que são realizadas pelo investigador no local onde decorre a investigação sem

preocupações da sua parte, em ser um observador neutro ou independente, são uma das técnicas chave da investigação qualitativa.

Este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, em vez de recolher dados para comprovar modelos, teorias ou verificar hipóteses. Apesar de estes métodos serem menos estruturados proporcionam, todavia, uma relação mais extensa e flexível entre o investigador e os participantes.

Este tipo de investigação contempla uma visão holística, na medida em que as situações e os indivíduos são vistos como um todo e estudados numa base histórica.

Os métodos qualitativos empregam, na sua generalidade, procedimentos interpretativos, não experimentais, com valorização dos pressupostos relativistas e a representação verbal dos dados (privilegia a análise de caso ou conteúdo).

A investigação qualitativa fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter. Por exemplo, através de observação detalhada e planeada e de interação estreita com os sujeitos podem estudar-se os processos cognitivos que utilizam na resolução de situações problemáticas.

A investigação interpretativa divide-se em várias categorias:

- 1- **Problema da investigação** – o objeto do problema é conhecer uma situação e compreende-la através da visão dos sujeitos (perceções e sensações).
- 2- **Desenho da investigação** – aberto, flexível e emergente, é através da observação da análise dos dados que surgem os dados necessários para a investigação.
- 3- **Amostra** – não está previamente determinada, vai-se ajustando ao tipo e à quantidade de informação que precisa em cada momento.
- 4- **Técnicas de recolha de dados** – Técnicas qualitativas.
- 5- **Análise de recolha de dados** – pretende-se delimitar o problema, avançar hipóteses e determinar conclusões.
- 6- **Análise e interpretação de dados** – utilização de critérios qualitativos (credibilidade, transferibilidade, dependência e confirmabilidade).

Após algumas leituras, cheguei à conclusão que me sentia como investigadora interpretativa, pois esta compreende a criança, e as salas de atividades, através de um recurso sistemático e às sensibilidades que contribuem para fazer os bons educadores de

infância, pois estes são capazes de ouvir, conversar, interpretar, refletir, descrever e narrar.

Para desenvolver o projeto coloquei em prática uma investigação-Ação, onde por vezes ocupei a posição de observadora, e noutras situações participante, uma vez que a participação é uma necessidade neste género de investigações.

O grande objetivo da investigação-ação é a reflexão sobre a ação a partir da mesma.

Segundo Chagas (2005), a investigação-ação é utilizada como uma investigação qualitativa, uma vez que não é interpretada como uma investigação verdadeira, indo ao encontro de mudanças sociais.

Como tal, a investigação qualitativa exige uma constante recolha de informações que tem como objetivo uma possível mudança social, tal como salientam (Bogdan & Biklen, 1994, p.293):

“É um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve ativamente” (Bogdan & Biklen, 1994)

A investigação qualitativa apresenta cinco características principais, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.47):

1. É o investigador o responsável pela recolha de dados no local da ação;
2. O investigador tem como primeira preocupação a de descrever tudo o que acontece e só depois procede à análise dos dados;
3. O investigador pode envolver-se com os indivíduos que estão a ser observados no estender da ação;
4. A formulação dos resultados pode ser feita através do modo indutivo;
5. O foco principal para os investigadores é o significado do “porquê” e o “que” aconteceu;

Procurei estabelecer relações estreitas com as crianças durante todo o processo, de modo a não interferir nas interações das mesmas, permitindo-me compreender as suas ações.

O objetivo de utilizar a investigação qualitativa durante a prática educativa é o de conseguir alterar algumas mentalidades, principalmente as dos Pais e dos Educadores de Infância, inculcando nestes a importância da atividade lúdica na vida das crianças, e o que estas desenvolvem durante todo o processo, tanto a nível cognitivo, motor e linguístico.

Ao longo das suas interações realizei pequenas entrevistas, apesar de saber que em idade de Jardim-de-infância, algumas crianças ainda não são capazes de expressar de forma correta os seus sentimentos e ideias.

As entrevistas realizadas às crianças, no jardim-de-infância, foram concretizadas nos momentos de estágio, havendo a possibilidade de me aproximar das crianças, fazendo com que estas não me vissem como um ser estranho.

Também foram realizadas entrevistas a três Educadoras de Infância e a quatro pais, onde quis saber as suas opiniões sobre o Brincar.

Estas entrevistas foram realizadas com o objetivo de tentar compreender como é visto o brincar e qual é a importância que ambos lhe dão, tanto as Educadoras de Infância como os Encarregados de Educação.

A investigação foi desenvolvida numa sala de jardim-de-infância da Instituição 1º de Maio, no Laranjeiro, com um grupo heterogéneo composto por 24 crianças. Todo o processo desenvolveu-se com base nas observações realizadas durante os momentos de interação entre as crianças, geralmente ocorridas nas diversas áreas distribuídas pela sala.

Durante a realização do trabalho de campo, foram utilizados três métodos de recolha de informação, sendo estes a observação direta; a realização de conversas informais com as educadoras e crianças em vários contextos; e a realização de entrevistas a 3 pais, ao grupo de crianças e a 3 educadoras.

As entrevistas dirigidas tanto às Educadoras como aos Encarregados de Educação foram realizadas fora do ambiente de sala.

Observação Participante em brincadeiras de faz-de-conta

Sempre que uma criança iniciava uma interação comigo, tentei envolver-me na sua atividade lúdica, mas sem que de certo modo influencia-se a sua espontaneidade, respondendo quando solicitada mas ao mesmo tempo interagindo com a mesma, de forma a conseguir entrar no seu mundo imaginário.

De participante ocasional, passei a ser solicitada para integrar nas complexas brincadeiras faz-de-conta que as crianças se desenvolviam tanto na área da casinha como na área dos médicos.

Os papéis que me foram dados, geralmente eram de “filha” ou “prima”, sendo que nunca me colocaram a hipótese de ser líder durante a brincadeira, uma vez que existia um elevado número de crianças consideradas “líderes”.

A minha postura como investigadora foi sempre a de me esforçar por seguir as crianças, deixando-me conduzir pelas mesmas, aceitando participar nas suas atividades na medida das minhas possibilidades e circunstâncias mas, sobretudo, na medida em que fosse autorizada a fazê-lo.

Durante a observação/participação detetei que cada área de atividade da sala tinha um conjunto de símbolos/medalhas equivalentes ao número de crianças que poderiam permanecer em cada área. A área mais requisitada era sem dúvida a do faz-de-conta.

Descrição dos Contextos

Este estudo/investigação foi concretizado ao longo da prática pedagógica que me foi proporcionada durante a frequência no Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Setúbal.

A prática pedagógica foi realizada em duas valências sendo estas a Creche e o Jardim-de-Infância onde a permanência em cada uma durou cerca de 10 semanas, sendo que o horário seria de segunda-feira a quarta-feira das 9h às 14h, todavia, sempre que era permitido ou mesmo solicitado pelas Educadoras cooperantes havia uma extensão de horário e participação nas atividades realizadas pela instituição, como por exemplo, a festa do Natal, o Carnaval, a Páscoa, o Dia da Criança, visitas de estudo, entre outros.

Local de Estágio I- Colégio do Vale, Marisol, Charneca da Caparica

O Colégio do Vale está situado numa zona essencialmente envolvida por moradias e acolhe crianças desde o Berçário até ao 3º Ciclo do Ensino Básico. Funciona como uma Instituição de Ensino Privado e tem capacidade para cerca de aproximadamente 550 crianças e cerca de 120 profissionais de Educação, sendo estes docentes, não docentes, pessoal da limpeza, pessoal administrativo, cozinha e manutenção. A sua estrutura engloba dois pisos estando estes divididos da seguinte forma:

Piso 0 Neste piso encontramos o Berçário, salas de Creche, Jardim de Infância, Bebeteca, Cozinha, Espaço Lúdico, Sala Arco-íris, Ginásio, Refeitório do Jardim de Infância, Secretaria, Gabinetes de Conselho de Gerência, Direção Pedagógica, Financeira e Administrativa, Sala de Reuniões Creche e Jardim de Infância.

Piso 1 No 1º piso encontramos Salas do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Auditório, Sala de Educação Musical, Gabinetes de Coordenação e de Psicopedagogia, Sala de Professores, Biblioteca, Sala de Informática, Refeitório e Centro de Recursos.

Exterior No espaço exterior podemos encontrar relvado, campo de futebol, Court de Ténis, uma Piscina e ainda para os mais pequenos, está destinado um espaço apropriado aos mesmos no lado poente do Colégio, onde existe uma pequena divisória entre o espaço para as crianças de creche e para as crianças de Jardim de Infância que já usufruem de infraestruturas mais apropriadas à sua faixa etária.

Creche- Sala Laranja (2 anos)

Presente na Sala Laranja encontrámos um grupo composto por 12 crianças, sendo que 5 são rapazes e 7 são raparigas. No geral, a maioria das crianças está pela primeira vez a frequentar uma Instituição Educativa. Todavia, encontramos uma criança que já tinha estado nesta sala a acompanhar o grupo anterior, mas devido à sua idade não pode acompanhar o seu primeiro grupo, uma vez que havia uma pequena diferença entre as idades. Do grupo, 7 crianças têm irmãos mais velhos a frequentar o colégio, tanto no Jardim de Infância como no 1º ciclo.

Quanto ao uso de fraldas, apenas uma criança do grupo já não usa fralda, tanto durante o dia como durante a sesta, 4 crianças iniciaram agora o processo de transição da

fralda para o uso da cueca e todas as restantes aos poucos serão motivadas a iniciar o processo de “eliminação” da fralda.

Em relação à alimentação, o grupo não tem qualquer dificuldade em comer alimentos sólidos e estão todos sempre dispostos a provarem novos sabores tanto de fruta como de legumes.

Em relação à concentração da criança para estar sentada no tapete ou sentada à mesa, esta ainda é mínima, sendo que cabe aos adultos da sala estimularem as crianças para esta nova aprendizagem.

Ao nível da linguagem apenas uma das crianças se expressa verbalmente com bastante facilidade e com um vocabulário variado. Contudo durante estes primeiros momentos temos sentido uma grande evolução. O grupo é oriundo de uma camada social Média/Alta.

A Sala Laranja está dividida em várias áreas de interesse tais como a Área do Faz-de-conta, Área das Construções e da Garagem, Jogos, Biblioteca e ainda uma casa de banho que serve para os meninos desta sala e para os meninos da Sala Rosa (1 ano). Para gerir e apoiar todo o grupo e o espaço de sala encontramos 1 Educadora de Infância e 1 Auxiliar de ação Educativa.

Organização do Tempo

8.30h- Acolhimento Individualizado (entrada na sala)

9.30h- Reunião de grande grupo (Canção do Bom-dia, marcação de presenças, planificação do dia, conto de histórias, etc.)

10h – Atividades de Descoberta e Exploração

10.45h- Higiene seguido de um pequeno lanche – bolacha ou fruta

11h- Espaço exterior ou interior – momento de brincadeira livre

11.40h- Higiene, Almoço e Higiene

12.40h - Sesta

15h- Higiene e Lanche

15.30h – Diversas atividades tais como leitura livros, espaço exterior, espaço lúdico.

Regresso às Famílias

Contexto de Estágio II – Creche e Jardim de Infância 1º de Maio, Laranjeiro

No segundo momento da nossa prática pedagógica, tivemos a oportunidade de cooperar com o Jardim de Infância 1º de Maio, situado no Laranjeiro, Almada.

Esta instituição educativa foi construída de raiz e destina-se aos filhos dos trabalhadores da Câmara Municipal de Almada e dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada.

A instituição educativa tem uma capacidade para cerca de 162 crianças, e veio substituir as restantes três instituições do mesmo agrupamento, que estavam espalhadas pelo concelho de Almada, sendo estas Creche do Miradouro, Creche de Vale Rosal e Jardim de Infância das Barrocas, oferecendo novas e melhores condições para as crianças.

A Creche e Jardim de Infância 1º de Maio é composta por:

- 6 Salas de Creche;
- 4 Salas de Jardim de Infância;
- 1 Refeitório;
- 1 Cozinha;
- Salas de reuniões;
- Gabinetes administrativos;
- Lavandaria;
- Sala Polivalente;
- Espaços exteriores cobertos e descobertos com equipamentos de recreio infantil;
- Horta Pedagógica;

Jardim de Infância – Sala dos 4 anos

A Sala dos 4 anos, Jardim de Infância é constituída por um grupo de 25 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. Da totalidade do grupo, 8 destas crianças encontram-se a frequentar o Jardim de Infância pela 1ª vez, 8 pela 2ª vez e 9 pela 3ª vez. Este grupo é maioritariamente constituído por crianças que já tem uma vivência anterior de Jardim-de-infância. As crianças que entraram pela primeira vez vieram todas da creche do Miradouro, 6 do grupo da segunda sala e 2 da primeira sala de atividades.

Para acompanhar o grupo, existe 1 Educadora de Infância que tem como carga horária 35 horas semanais sendo que 10h destinam-se ao planejamento de atividades, reflexões, avaliações, entre outros, e 2 Auxiliares de ação educativa que têm como função primordial dar apoio à Educadora e às respectivas crianças, e também elas cumprem uma carga horária de 35h semanais.

Em relação ao perfil familiar das crianças, em média os pais apresentam uma escolaridade ao nível do ensino secundário e trabalham no geral por conta de outrem.

A maioria das crianças tem o chamado padrão “normal” familiar, porém existem alguns casos em que as crianças vivem só com a mãe, com a mãe e os avós, apenas com os avós, com madrasta/padrasto, entre outros. Todavia, apesar de alguns problemas mais graves existentes em certas famílias, estas estabelecem uma boa relação com o Jardim de Infância, envolvendo-se em atividades propostas pela equipa de sala, sugestões de visitas de estudo, gosto em conhecer o trabalho realizado em sala, entre outros. A sala de atividades está organizada por diferentes áreas, sendo estas: Área das Artes (Pintura, Colagem, Desenho, Escrita), Área dos Sossego, Área dos Jogos Calmos, Área da Casinha, (Trapalhadas) e Área das Construções.

Em todas estas áreas é possível encontrar uma grande variedade de objetos e materiais, estando estes arrumados e organizados para que cada criança tenha fácil acesso a todos os brinquedos e jogos, podendo assim fazer as suas opções, conjugações e diferentes manipulações.

Organização do Tempo

7.00h/9.00h – Acolhimento

9.00h – Reunião de grupo

– Conversas

– Histórias

– Canções ou Poesias

– Planeamento de atividades

9.30h – Tempo de trabalho nas áreas

11.15h – Arrumação/ Recordar

- Lanche e recreio

11.50h – Higiene

12.00h – Almoço / Higiene

13.00h – Repouso (grupo das crianças mais pequenas)

- Canções
- Histórias
- Jogos (grupo 4/5 anos)
- 14.00h** – Tempo de trabalho (grupo dos 4/5 anos)
 - Atividades de Linguagem/ Escrita, Matemática
- 15.00h** – Levantar grupo dos mais pequenos
 - Recreio (grupo 4/5 anos)
 - Sentar no tapete (canções / jogos)
- 15.15h** – Higiene
- 15.30h** – Lanche
- 16.00h** – Recreio
 - Atividades livres
- 17.00h / 18.30h** – Saída

4 – Apresentação e interpretação da intervenção

Podemos caracterizar o brincar como sendo uma ação livre, que surge a qualquer momento do dia, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagem, desenvolve habilidades e introduz o mundo imaginário na vida da criança.

Ao brincar, a criança aprende o que mais ninguém lhe poderá ensinar, é desta forma que ela se estrutura e conhece a realidade. Além de estar a conhecer o mundo, está-se a conhecer a si mesma, descobrindo e compreendendo o papel dos adultos, aprendendo a comportar-se e a sentir-se como um adulto em miniatura.

Para podermos compreender melhor o parágrafo anterior, apresento uma observação de um momento de brincadeira livre onde uma das crianças transmite, através da ação espontânea, uma vivência sua.

Durante o tempo de brincadeira livre no exterior, observei duas crianças que interagiam mutuamente junto ao banco de madeira. A Mafalda de 6 anos tinha um livro de histórias na mão e, olhando para a Inês de 3 anos, pedia-lhe que esta arrumasse os brinquedos pois estava na hora de beber o leite, ouvir uma história e dormir. A Inês fingia que chorava, pois queria continuar a brincar, então a Mafalda dirigiu-se a esta e levantando a mão deu-lhe uma pequena palmada no rabo e disse as seguintes palavras “... *está na hola de iles pá cama, és teimosa o quê? Tens de domile (dormir) cedo senão amana não vais quelele acoldale e eu vou chegale atlasada ao tlabalo*”. Ditas estas palavras a Inês arrumou os brinquedos e deitou-se no chão, junto da mesa de madeira, onde a Mafalda se sentou junto da mesma e fazendo-lhe festas na cabeça, folheava as páginas do livro, reproduzindo a história através da interpretação das imagens ilustrativas.

Ao fim de um tempo, decidi aproximar-me da Mafalda e perguntei-lhe ao que é que estavam a brincar, onde esta me respondeu que era às mães e aos filhos, sendo a Mafalda a desempenhar o papel de mãe e a Inês de filha. Em seguida, questionei-a sobre o modo como esta ordenou à Inês para que fosse para a cama, e olhando para mim respondeu “ *Então ela tava teimosa e eu não tina paciência pala blincal com ela, então como não quelia arrumale os blinquedos, tive de da-lhe uma palmada*”. Após a sua resposta, voltei a questioná-la se ela já alguma vez tinha levado uma palmada por não

querer arrumar os brinquedos, sendo que me respondeu que sim, frisando que recentemente foi dormir à casa da avó e que esta lhe fez o mesmo.

Ou seja, a Mafalda reproduziu algo que já viveu, talvez para ela na sua consciência a maneira mais rápida de uma criança fazer o que o adulto lhe pede é através da utilização da força física. Todavia, ela sabe que não se deve dar palmadas, apenas ralhar, levando-me a acreditar que esta agiu por imitação.

A imitação é de extrema importância, pois propicia um maior desenvolvimento intelectual, e com isso ela vai entendendo melhor como funciona o mundo ao seu redor.

O brincar não significa apenas recrear-se, antes pelo contrário, é a forma mais completa que a criança tem de comunicar consigo mesma e com o mundo. A criança precisa de ter tempo e espaço para explorar as brincadeiras.

Durante o brincar, a criança incorpora valores morais e culturais, onde as atividades que se envolvem promovem a auto-imagem, a auto-estima, a cooperação, já que o lúdico conduz à imaginação, fantasia, criatividade e à aquisição do sentido crítico, entre outros aspetos que ajudam a moldar as suas vidas, como crianças e, futuramente, como adultos.

“Brincar, com uma determinada finalidade, tem um papel muito importante numa boa educação de infância desestruturada. Não se trata de uma atividade livre ou completamente sem estrutura. Através da seleção de materiais e de equipamento...os professores asseguram que, nas suas brincadeiras, as crianças encontrarão as experiências de aprendizagem pretendidas...”

Independentemente do tipo de brincadeira, seja ela livre ou direcionada, esta tem sempre presente um conjunto de aprendizagens para a criança.

A brincadeira que é bem planeada e que é agradável ajuda as crianças a pensar, a aumentar a sua capacidade de compreensão e a melhorar as suas competências de linguagem. Ela possibilita às crianças serem criativas, explorar e investigar materiais, experimentar e desenhar e testar as suas conclusões.” (DES, 1989,P.8)

Presente na sala encontramos a área do Hospital, onde as crianças têm ao seu dispor vários materiais alusivos ao tema como, batas de médicos, luvas, toucas, dois estetoscópios de plástico, embalagens de medicamentos vazias, seringas de vários tamanhos (sem agulhas), um telefone, uma cadeira, uma mesa que faz de secretária, um bloco de notas e um catre que representa uma maca. Durante o período da manhã, as crianças têm a oportunidade de brincar em todas as áreas, sendo que a área da casinha e a área do Hospital são as mais escolhidas pelas crianças. Num dos dias as crianças estavam fantasiadas de médicos e enfermeiros e a Educadora decidiu juntar-se à brincadeira. Decidiu deitar-se no chão e disse às crianças que estava a sentir-se mal, precisando de assistência médica. Estas foram ao seu encontro e tentaram levantá-la do chão. Devido ao seu peso, as 4 crianças que estavam envolvidas na brincadeira não conseguiram levantá-la, então a Educadora sugeriu que estas telefonassem para o 112 e comunicassem com os médicos de que precisavam de uma ambulância, pois estava uma senhora desmaiada no chão da rua.

A Beatriz pegou no telefone, marcou o número 112 e enquanto esperava que alguém a atendesse, ajoelhou-se junto da Educadora. No outro lado da linha telefónica estava o médico Tiago que começou por fazer perguntas à Beatriz.

Durante o momento de envolvimento entre as crianças e a Educadora, as perguntas necessárias para dar informação a quem estava ao telefone, saíram espontaneamente das crianças envolvidas, mostrando a capacidade que estas já tem de compreender o que se passa ao seu redor e como se deve reagir em determinadas situações.

Diálogo:

Tiago – “Emergência boa tarde, o que se passa?”

Beatriz – “Olá, está uma senhora desmaiada no chão e não a consigo levantar para a levar ao hospital.”

Tiago – “A senhora respira?”

Beatriz – “Sim, mas...quer dizer, não está a respirar lá muito bem”

Tiago – “ Abane um pouco a senhora e tente acordá-la, vou mandar uma ambulância já para aí” (desligando em seguida o telefone).

A Educadora como estava atenta à troca de informação entre as crianças, perguntou à Beatriz se esta tinha dado a morada do sítio onde se encontravam. Sendo que

a Beatriz fez uma expressão facial de admiração pois tinha-se esquecido desse pormenor. Voltou a contactar o 112 e explicou que tinha ligado para lá e que se tinha esquecido de dar a morada para onde deveria seguir a ambulância.

Entretanto as crianças que estavam nas outras áreas juntaram-se à brincadeira, tentando novamente por elas próprias levantar a Educadora do chão. Para o efeito, distribuíram-se por todo o corpo da Educadora e como eram muitas, conseguiram apenas arrastá-la até à área do Hospital. Já no Hospital, as crianças prestaram diversos cuidados, como a medição do grau de temperatura, a auscultação, deram à Educadora um remédio para a força, entre outros cuidados.

Durante todo este processo, foi interessante observar o modo como as crianças tentaram resolver o problema que lhes tinha surgido, apesar de ter sido a Educadora quem lhes deu uma pequena ajuda, sugerindo ideias de atuação.

Pode-se constatar que nesta situação, brincar é antes de mais sentir prazer. A sensação de prazer pode estar associada a certas características próprias de toda a brincadeira: a novidade, a incerteza e o desafio, desafio que, no entanto, deve ser visto pela criança como ultrapassável. Na brincadeira, a novidade atrai a criança, que sente prazer em defrontar o incerto e em superar o desafio.

O brincar com alguém reforça os laços afetivos. Um adulto, ao brincar com uma criança, está a fazer-lhe uma demonstração do seu amor. Além de elevar o nível de interesse da brincadeira, a participação do adulto enriquece e estimula a imaginação das crianças.

Para que os adultos apoiem as brincadeiras das crianças durante a educação pré-escolar, estes dividem o espaço da sala em áreas lúdicas específicas, apoiando constantemente o interesse das crianças durante as brincadeiras como a construção, o faz-de-conta e a dramatização, o desenho e a pintura, a leitura e a escrita, entre outros.

Estes espaços deverão conter o maior e diversificado número de materiais ao alcance das crianças, apoiando as crianças ao longo das suas brincadeiras e jogos.

Através da ação, as crianças estão a aprender, pois estas vivenciam diretamente experiências e retiram delas significados através da reflexão. É deste modo que as crianças constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo, tal como nos confirmam os autores (Hohman & Weikart, 2009) “...interações criativas e permanentes com pessoas, materiais e ideias que promovem o crescimento intelectual, emocional, social e físico.”.

Ao brincarem ao faz-de-conta, as crianças desempenham diversos papéis, estimulam a linguagem, constroem relações com outras crianças e expressam criatividade através do movimento, ou seja é uma junção de ações que proporcionam novas aprendizagens. Para Piaget, citado por Hohman & Weikart 2009, “*O conhecimento não provém, nem dos objetos, nem da criança, mas sim das interações entre a criança e os objetos.*” (p.19)

Numa outra observação realizada no período da tarde, após o almoço, as crianças foram brincar para o exterior, onde se encontravam três triciclos e duas bicicletas à sua disposição. Algumas crianças sentaram-se no chão a jogar com brinquedos que trouxeram de casa, outras brincavam com bonecas e uma das crianças, o Marco, estava a andar sozinho no triciclo.

Percorria todo o recreio e gritava: “*tinoni, tinoni, saiam da frente que eu quero passar*”. Em seguida, parou junto da porta de entrada da sala e pediu-me para ir buscar uma boneca à área da casinha. Dei-lhe permissão e estes após pegar na boneca, colocou-a na parte de trás do triciclo, começou a retirar-lhe a roupa, e professava as seguintes palavras: “*tenha calma, vamos tratar de si. Vou dar-lhe uma pica e vamos para o hospital*”. Dizendo isto, subiu para o triciclo e voltou a percorrer todo o pátio, continuando a gritar “*tinoni, tinoni*”. Uma outra criança, quis juntar-se à brincadeira, então dirigiu-se ao Marco e perguntou-lhe se podia brincar, sendo que o Marco disse que sim e pediu-lhe para interpretar o papel de médico e tratar da criança (boneca) que estava doente.

Nesta interação, a criança (Marco) demonstra ter alguma noção da função dos bombeiros e médicos, uma vez que após encaminhar a boneca para o hospital, pediu ao amigo que tratasse da boneca, pois sendo este o médico, era o único que tinha o poder de curar a boneca.

As crianças fundamentam a brincadeira na necessidade de retirar e construir significado das suas próprias vidas.

Ao brincar e interagir consigo mesma ou com outras crianças, a criança desenvolve-se rapidamente em vários aspetos, tais como o desenvolvimento físico, cognitivo, linguístico, psicológico, expressão emocional e aptidões sociais.

Desenvolvimento físico:

Motricidade grossa: O corpo da criança torna-se mais flexível. Os braços e as pernas crescem e fortalecem-se, o que lhe permite realizar mais atividades motoras gerais, como correr, saltar, trepar, rolar, balançar-se, andar de triciclo, entre outros.

Observação: numa das visitas realizadas ao parque infantil que se encontra fora do recinto educativo, as crianças brincaram por entre as diversas estruturas de madeira que ali estava à sua disposição. Uma das estruturas tinha uma base onde havia um banco de madeira com um volante e para que as crianças conseguissem subir para a parte superior, tinham de escalar uma pequena escada feita em caracol, onde os degraus eram pequenos e estreitos. A Carolina (6 anos) observou que a Mariana (3 anos) queria subir as escadas mas estava com alguma dificuldade. Aproximou-se desta e com algum cuidado auxiliou a Mariana, colocando as suas mãos nas costas da Mariana e empurrando-a devagar. Porém, a Mariana começou a gritar pois estava com medo de cair, logo em seguida a Carolina acalmou-a dizendo-lhe “ *Oh Mariana, eu não te deixo cair, estou-te só a ajudar a irs lá para cima. Segura-te no ferro e põe um pé de cada vez, lá em cima vais de gatas*”. A Mariana hesitou por uns segundos mas logo de seguida decidiu confiar, na sua amiga e, subiu as escadas sem qualquer dificuldade. Durante uns longos minutos, brincaram em conjunto às mães e filhas. No regresso à Instituição, a Carolina aproximou-se de mim e disse-me “ *Sabes Tânia, estava a brincar com a Mariana e ensinei-a a subir para cima do escorrega, eu era a mãe e ela a minha filha, tinha de a ajudar não era?*” E eu, olhando-a nos olhos, reforcei a sua atitude, demonstrando por palavras que esta agiu de forma correta, pois na sua vida, é perceptível a relação que esta estabelece com a sua mãe, tendo a noção de que a “mãe” é a base da segurança que esta necessita de ter para poder ultrapassar as suas dificuldades/medos.

Motricidade fina: À medida que os dedos se alongam e se tornam mais finos, a criança adquire mais destreza manual para desenhar, pintar, alimentar-se, vestir-se e calçar-se, lavar os dentes, entre outros.

Observação: No início da brincadeira na área do Hospital, as crianças antes de darem início ao faz-de-conta, vestem as batas de médicos e enfermeiros. O Diogo (4 anos) estava a tentar abotoar os botões da bata, e ao observar a sua dificuldade, o Tiago decidiu ajudá-lo, porém, afastando as mãos do Diogo e dizendo: “*Espera que eu ajudo-te*”.

Porém, o Diogo responde: “ *Não é preciso, eu consigo apertar isto sozinho, já não sou bebé*”.

Coordenação e equilíbrio: A coordenação motora aumenta, bem como a capacidade de manter o equilíbrio, o que torna a criança apta a iniciar-se em desportos e atividades simples, assim como em brincadeiras mais avançadas.

Observação: O Gonçalo (6 anos), quis brincar com os amigos aos super-heróis e, para isso, juntou todas as cadeiras disponíveis na sala, fazendo um caminho de cadeiras unidas. As crianças acharam curioso e pediram ao Gonçalo para brincar com este. A criança sentiu-se como um “líder” e ditou as regras, explicando que por baixo das cadeiras existe um rio, e todas o têm de atravessar, mas para isso terão de caminhar pelas cadeiras. Todo o grupo aderiu à brincadeira, apesar de umas crianças terem caminhado de forma mais lenta que outras.

Desenvolvimento Cognitivo:

Capacidade de raciocínio: À medida que o cérebro da criança se desenvolve em tamanho, capacidade e funcionalidades, a capacidade de raciocínio e de resolução de problemas aumenta drasticamente. A criança passa a conseguir raciocinar de forma mais concreta, procura soluções para as suas tarefas, e a recorda as coisas com mais pormenor e durante períodos de tempo mais longos.

Observação: As crianças brincavam ao “Festival da Canção” onde em grupos, vestiram-se a rigor utilizando as roupas existentes na área do faz-de-conta, e em seguida, cantavam e dançavam músicas. Num dos grupos, as crianças tiveram alguma dificuldade para chegar a um consenso, pois umas queriam cantar uma música e outras queriam outra. Um membro de outro grupo, deu a sugestão de em primeiro lugar cantarem uma música, e depois caso houvesse tempo, cantariam a outra. Todas as crianças concordaram, e sem ser necessário a intervenção do adulto, as crianças conseguiram resolver o problema que ali estava a surgir.

Desenvolvimento da Linguagem:

Pensamento Simbólico: Durante esta fase, as capacidades de linguagem registam um desenvolvimento exuberante. À medida que as aptidões cognitivas evoluem, a criança começa a pensar simbolicamente, através da utilização da linguagem. Ela passa a conseguir substituir os gestos e as imagens por palavras, e compreende o significado de centenas de conceitos. Utiliza as palavras para expressar necessidades, partilhar sentimentos e interagir socialmente.

Observação: Durante uma conversa em grande grupo, a Educadora mostra às crianças o que trouxe dentro de uma caixa. Lá dentro estavam conchas, búzios, estrelas-do-mar e um cavalo-marinho. Quando a Educadora colocou a caixa à disposição das crianças para que estas pudessem explorar os diversos materiais, o Gonçalo pegou em duas metades de uma concha e perguntou à Educadora: “Onde está a pérola da concha? Deixaste em casa?” O Duarte ao ouvir a pergunta respondeu ao Gonçalo que as conchas quando são retiradas da água morrem, e as suas pérolas desaparecem. Explica ainda que nem todas as conchas têm pérolas, umas apenas têm “bichos” lá dentro.

Vocabulário: Aos seis anos, é bem provável que a criança tenha já um vocabulário de mais de dez mil palavras, que compreenda as regras básicas da gramática e que enriqueça o seu vocabulário com seis a dez palavras novas por dia.

Observação: A Íris estava sentada no banco de madeira a cantar uma música que a Carolina não conhecia. A Carolina aproximou-se e começou a repetir as palavras que a Íris ia reproduzindo. Quando se apercebeu de que a Carolina não sabia a letra da canção, parou e perguntou: “ Não conheces esta música? Queres que eu te ensine?”. A Carolina acenando a cabeça, disse que queria aprender e deu a ideia de que podiam dançar ao mesmo tempo e depois mostrar aos amigos no momento de grande grupo. No final do ensaio, ambas as crianças vieram ter comigo e disseram-me que tinham uma surpresa para mostrar aos amigos. Porém, uma das palavras deixou a Carolina pensativa, pois esta não sabia o seu significado, levando-a a perguntar à Íris “ O que é instinto?”, a Íris pensou durante um breve momento e respondeu que instinto era aquilo que nós pensávamos e sentíamos que estava certo sem ter a certeza.

Desenvolvimento Psicológico:

Auto consciência: À medida que a criança se desenvolve em termos físicos e cognitivos, vai tomando consciência da sua identidade. Reconhece as várias partes do

corpo, exhibe os seus brinquedos, faz autorretratos simples, desenha a família, gosta de dizer o seu nome e idade.

Observação: A Mariana M. escolheu a área da pintura para brincar. Dirigiu-se até ao armário da pintura, onde retirou uma folha e uma caixa de lápis e sentou-se na mesa, junto de outras crianças. Ao fim de pouco tempo começou a falar sozinha, descrevia o que estava a desenhar, representando-se a si própria, a irmã, a mãe e o pai, todos estavam a brincar no jardim. A sua representação era a mais pequena, tendo esta a noção de que na família é a mais nova de todos.

Autoconfiança e autoestima: A consciência de si traz consigo a autoconfiança, que por sua vez conduz à autoestima. À medida que a criança se conhece melhor, vai ganhando confiança nas suas capacidades para experimentar situações novas, correr riscos e realizar tarefas. Sempre que tem sucesso, a sua autoestima é reforçada, o que por sua vez, a leva a novos desafios e a novos sucessos.

Observação: Após o almoço, as crianças têm por hábito fazer a higiene oral. Para isso sentam-se nas cadeiras e esperam que um adulto as chame e lhes dê a sua respetiva escova e pasta dentífrica. Num dos dias, o Diogo (4 anos) levantou-se da cadeira e veio até junto de mim, dizendo-me que conseguia tirar a sua escova e colocar a pasta na escova, sem precisar de ajuda. Deixei-o seguir em frente e assim o fez, de forma correta, em seguida pedi-lhe que fosse ele mesmo a dar as escovas aos outros amigos que ainda não tinham feito a sua higiene oral.

Expressão Emocional:

Partilha de sentimentos: Em termos psicológicos, a partir dos três anos, a criança já ultrapassou o estágio do choro reflexo e, já consegue exprimir os sentimentos, desejos, vontades e necessidades com mais rigor. À medida que as suas emoções se vão tornando mais definidas e controladas, ela torna-se mais apta a gerir os sentimentos através da verbalização, da expressão artística e da representação dramática.

Observação: A Beatriz (6 anos), a Mafalda (6 anos), a Carolina (6 anos) e a Marta (6 anos) estavam a brincar às mães e pais, e queriam “obrigar” a Inês (3 anos) a participar na brincadeira, onde esta iria fazer de filha. Todavia, eram quatro “mães” só para uma filha, o que gerou um problema para resolver. Porém, duas das crianças não queriam ter a Inês como filha, exceto a Mafalda e a Carolina que lutavam pela sua conquista. Com o

passar do tempo, uma vez que as crianças não se entendiam, a Inês começou a chorar pois não queria interpretar o papel de “filha” nem de uma nem de outra criança, apenas também queria fazer o papel de “mãe”. As crianças pediram-lhe desculpa e logo em seguida quiseram trocar os papéis, passando todas elas a serem as “filhas” da Inês.

Aptidões Sociais:

Interação Social: As aptidões sociais reforçam-se quando a criança convive com mais pessoas, tanto em casa como na comunidade. Esse convívio é fundamental para o sucesso em todas as áreas da vida. Por isso, é desejável que a criança passe muito tempo com amigos da mesma idade.

Observação: Todos os momentos em que as crianças interagem com uma ou mais crianças, eram fontes de aprendizagens, onde a troca de ideias era recíproca, enriquecendo o seu conhecimento.

Na maioria das vezes, quando o adulto observa a criança a brincar, este apenas observa o que está em primeiro plano, ou seja, a criança está a divertir-se e, durante esse momento, está tranquila.

Com isto quero dizer que a intensa atividade que se esconde por detrás do brincar é desconhecida por muitos, sendo provável que essa seja a razão que leva os adultos a acreditar na sua futilidade.

Por exemplo, quando uma criança está na área da casinha, rodeada por panelas, talheres e frutos, ainda que sejam de plástico, toda a atividade que irá ser desenvolvida ao redor de todos estes objetos produzirá vários estímulos na criança.

Durante a sua manipulação, podemos encontrar diversas componentes, tais como:

Componente sensorial - basta a presença destes objetos para proporcionar uma estimulação sensorial à criança, que observa, toca e transfere-os de local. Quando os observa e manipula, a criança regista as suas características sensoriais – forma, cor, dimensão, textura – ao mesmo tempo que desenvolve a perceção. Apercebe-se por exemplo, de que o metal das panelas é mais frio do que o plástico dos talheres;

Componente motora – Ao segurar os objetos, a criança utiliza os músculos das mãos, estando aqui presente a motricidade fina. A criança adotará diferentes modos de

segurar nos materiais consoante as suas dimensões e para os poder deslocar, a criança terá de recorrer à coordenação olho-mão. Esta capacidade para coordenar os gestos da mão e dos olhos permite-lhe não apenas transportar um objeto para um local preciso, mas também inseri-lo num determinado espaço, por exemplo, quando a criança tem de arrumar todas as panelas dentro do fogão.

Componente Cognitiva – Apesar de os músculos serem bem exercitados, a criança terá pouco prazer em brincar com este material se não puder fazer uso das suas competências cognitivas, aquelas que lhe permitem compreender o seu ambiente e desenvolver o pensamento. Durante a atividade, uma outra criança ou mesmo um adulto, se necessário poderá explicar à criança qual é a função de determinado objeto, por exemplo, como se deve limpar uma panela com uma esponja. Ao compreender como funcionam os objetos, a criança também aprende a utilizá-los de forma adequada;

Componente afetiva – Quem teve início nesta atividade foi uma determinada criança, cabendo assim a esta ditar as regras da atividade, ou seja, qual o modo como a ação irá decorrer, proporcionando-lhe assim uma posição de controlo;

Componente social – A criança pode brincar sozinha com estes objetos, todavia, quando há mais crianças que possam participar, tem a oportunidade de partilhar, comunicar, ter os outros em consideração. Juntas, as crianças imaginam um cenário de brincadeira, inventam uma história e desempenham papéis. Ou seja, esta atividade lúdica ensina a criança a socializar.

Durante todo este processo, a criança regista informações, aprende a segurar e a manipular objetos, a imaginar, a expressar sentimentos e a brincar com outras crianças.

O mesmo acontece em qualquer outra atividade lúdica. Observando de perto, verificamos que a mais simples atividade de brincar solicita diversas facetas da criança e estimula o seu desenvolvimento, e isto dando-lhe prazer. Portanto podemos considerar que longe de ser uma atividade fútil ou uma perda de tempo, brincar é uma via privilegiada para a aprendizagem da criança.

Para que a criança brinque, tem de se sentir confiante, necessitando deste modo de espaço, tempo, material e companheiros, e o mais importante, precisa que os adultos

ao seu redor, valorizem a atividade e reconheçam ao brincar a importância que tem no seu desenvolvimento físico, mental e social.

Quando digo que a criança precisa de tempo para brincar, significa que esta tem de ter tempo livre para que possa utilizá-lo como pretender, para decidir a que quer brincar e como quer fazê-lo. Dispor de apenas alguns minutos de cada vez não permite à criança desenvolver plenamente o seu repertório lúdico.

Durante o período pré-escolar, as competências da criança nas diferentes esferas do desenvolvimento, bem como a sua crescente compreensão do mundo circundante, são estimuladas pela brincadeira. Desta forma, a brincadeira livre é importante, pois através dela, a criança desenvolve com prazer aptidões diversificadas.

Além de estimular as diversas competências da criança (motoras, perceptivas, cognitivas, afetivas, sociais), brincar tem impacto nalgumas aptidões que a acompanharão para toda a vida. Brincar é propício ao desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade de adaptação da criança. Quando falo na autonomia, refiro-me a esta como sendo uma capacidade de decidir, de escolher. Na brincadeira, é precisamente isso que a criança faz, como é senhora da sua atividade lúdica, decide a que e como jogar, bem como qual o material de brincar que pretende utilizar.

Por outras palavras, organiza a atividade como lhe agrada, sem depender dos outros, com isto quero dizer que brincar é uma via privilegiada para lançar as bases de uma autonomia que a criança poderá utilizar nas outras esferas da sua vida.

Quando anteriormente me referia ao humor, este está associado à criatividade que lhe permite considerar uma situação de diferentes formas e encontrar várias soluções para um problema.

De fato, a criatividade permite lançar um olhar diferente sobre os acontecimentos e, portanto, desenvolver flexibilidade de espírito. Na criança, o pensamento criativo manifesta-se sob três formas: flexibilidade, facilidade e originalidade. Por exemplo, durante a minha prática, construí juntamente com as crianças, um espantalho.

Antes da sua construção, questionámos as crianças como é que estas queriam construí-lo e com que materiais, sendo que estas me responderam que para a cabeça poderiam utilizar caixas de cereais, vasos das flores ou então uma bola de futebol velha, ou seja, são respostas que dão testemunho de flexibilidade, visto serem muito variadas.

Com tudo o que se passa na brincadeira, compreendemos facilmente que esta atividade represente para a criança uma via privilegiada para desenvolver todas as suas

competências. Para além de novas capacidades, a criança também desenvolve na sua brincadeira uma atitude particular, suscetível de a acompanhar ao longo de toda a vida, ou seja, segundo alguns autores, a atitude lúdica tornar-se-á um traço de personalidade na idade adulta.

Noutro momento de observação, foquei-me no Ivan (4 anos). O Ivan é uma criança que gosta de brincar sozinha, sendo raras as vezes em que este se junta aos colegas durante as atividades lúdicas. Sempre que o Ivan brincava sozinho, dirigia-me até este e perguntava-lhe o porquê de ele estar sozinho, respondendo-me sempre que ninguém queria brincar com este. Desta forma, ajudava-o a integrar-se nas brincadeiras, pois este apenas precisava de se sentir desejado pelos seus colegas, coisa que não acontecia. Todas as vezes que o Ivan trazia brinquedos para a sala, passava o dia rodeado pelos colegas, todavia, este não reagia muito bem ao ato de partilhar, uma vez que não estava habituado a fazê-lo nem estava habituado a que partilhassem com ele, muito pelo contrário, sempre o ignoraram.

Noutro momento de observação, assisti a um pequeno conflito entre duas crianças, conflito esse que rapidamente foi resolvido por uma terceira criança.

Quando o grupo que está a participar numa atividade lúdica é formado pelo máximo de 4 crianças, os conflitos que se vivenciam são de curta duração, sendo resolvidos logo em seguida. Todavia, quando estão em ação mais do que este número, a probabilidade de surgirem conflitos aumenta, pois cada criança tem a sua forma de pensar e compreender o mundo ao seu redor. O Diogo B. queria jogar à bola, mas apenas queria jogar com uma criança, o Tiago. Todavia, o Tiago dizia que não podia jogar só com o Diogo pois para se formar uma equipa são necessários 11 elementos, e como não havia 22 meninos para jogar, o Tiago não quis entrar na brincadeira. O Bernardo ao observar que o Diogo B. precisava de apenas mais um jogador, este ofereceu-se para jogar com ele.

Saber comportar-se junto dos outros não é algo inato, a criança precisa de aprender a brincar com os outros. Esperar pela sua vez, aceitar partilhar, cooperar, respeitar os outros, compreender o seu ponto de vista, aprender a negociar, eis algumas das competências que a criança deve desenvolver para funcionar de forma harmoniosa em

sociedade. Este processo de socialização estende-se ao longo de vários anos, começando em casa, prosseguindo no jardim-de-infância e, por fim, na escola.

Por volta dos 3 anos, as crianças já conseguem brincar juntas sem qualquer problema durante alguns minutos. Ainda centradas no seu ponto de vista, têm dificuldade em compreender que os outros vejam as coisas de forma diferente.

Decerto, tudo se torna mais fácil quando a criança tem apenas um colega de brincadeira, uma vez que nesta idade a criança prefere brincar só com um amigo.

Por volta dos 4-5 anos, o egocentrismo diminui e a criança toma gradualmente consciência dos direitos dos outros, aprendendo a partilhar, a esperar pela sua vez e a ter prazer junto deles.

Nesta idade, coopera nas brincadeiras de grupo em que cada um desempenha um papel.

A brincadeira é, para a criança, uma atividade de aprendizagem social natural. Brincando com parceiros, aprende a viver em sociedade e descobre o prazer de partilhar atividades com os outros. Consegue então definir o seu papel social e encontrar a sua identidade, pois aprende a conhecer-se no contato com as outras crianças.

Com parceiros da sua idade, a criança estabelece relações de tipo igualitário em que ninguém se destaca em termos de poder. Estas relações são diferentes das que estabeleceu com os pais, que não são igualitários, visto que estes detêm autoridade sobre ela.

Por volta dos 3 anos, na fase da brincadeira associativa, os conflitos e os desacordos correm o risco de aumentar, mas as possibilidades de solidariedade, de humor e de divertimento também. A criança descobre as alegrias da amizade e, por volta dos 4 anos, os amigos adquirem ainda mais importância. As primeiras amizades são frequentemente instáveis, por exemplo, no caso de duas crianças que brincavam juntas, estiverem separadas durante várias semanas, será normal que quando se juntarem novamente não queiram continuar a brincar juntas.

Quando duas ou mais crianças, durante o período de brincadeira, não se entendem e entram em conflitos, a brincadeira deixa de fazer sentido e rapidamente as crianças se separam, indo cada uma brincar para seu lado.

É importante que, desde cedo, a criança seja capaz de lidar com estes conflitos, tentando negociar com a outra criança, um caminho diferente para a sua brincadeira,

caminho esse que vai ao encontro de ambas as ideias/vontades das crianças, aprendendo deste modo a negociar e gerir conflitos.

O brincar pode, segundo alguns autores, ser dividido em duas categorias:

- **O brincar social** – onde as crianças interagem umas com as outras;
- **O brincar cognitivo** – onde é revelado o nível de desenvolvimento mental da criança.

Ao brincar, a criança desenvolve portanto um *saber-fazer* e um *saber-ser*, por outras palavras, aptidões e atitudes que utilizará em diversas situações da sua vida quotidiana.

5. Considerações Globais

Após toda a observação realizada ao longo da minha prática pedagógica posso afirmar que o brincar é sem dúvida um elemento fundamental para um bom desenvolvimento emocional da criança.

Durante as entrevistas que realizei às crianças, de facto as diferenças das faixas etárias são enormes, pois as crianças mais pequenas ainda não conseguiram organizar o seu pensamento e exprimi-lo de forma mais adequada. Todavia, o grupo dos 5 e 6 anos mostrou-se mais assertivo no que respeita à definição de brincar e o que isso implica no seu desenvolvimento.

A classe social também influencia na forma em como a criança brinca e como esta atribui significado a tal ato. As crianças onde no seu ambiente familiar o brincar é estimulado e até valorizado, demonstraram saber identificar que ao brincarem estão a desenvolver capacidades intelectuais essenciais na aquisição de novos conhecimentos.

Com base no trabalho de pesquisa por mim realizado, referindo-me às crianças e respetivas famílias do grupo de estudo, considero que as famílias que fazem parte de um grupo social mais pobre, não veem no brincar uma ação repleta de aprendizagem, mas antes um momento onde a criança se ocupa a fazer algo sem recorrer ao adulto, de modo a não o chatear.

Por outro lado, há famílias que se preocupam em estimular o brincar e procuram mesmo através deste proporcionar momentos de grandes aprendizagens e estímulos para as crianças.

Decidi entrevistar três educadoras de infância de valências diferentes de modo a sustentar/reforçar a minha ideologia sobre a importância que este ato tem nos primeiros anos de vida das crianças.

Depois de algumas trocas de ideias, as três educadoras têm em comum o fato de atribuírem a mesma importância ao brincar, uma vez que observam as necessidades do grupo e agem através de atividades lúdicas que tem fins educativos, proporcionando às crianças novas aprendizagens através da ação lúdica.

Sem dúvida que o brincar é essencial na vida das crianças. Tal como reforça a Educadora Teresa Matos, esquecer-se do brincar é também esquecer-se de viver com qualidade de vida, e quando se dá à criança a possibilidade de brincar, estamos a oferecer-lhe muito mais do que o ato em si mesmo, visível aos olhos, estendemos uma perspectiva

de vida melhor, um desenvolvimento mais natural e eficiente, uma socialização decorrente de tão-somente brincar, e ainda mais, a possibilidade de se reconhecer como ser, na terapia constante do expressar e concretizar criativamente os recursos internos de que dispomos.

Durante todo o tempo de prática pedagógica em Jardim de Infância, observei que a Educadora Lurdes Barradas, também ela está em constante observação, chamando-me a mim, por vezes, à atenção para certas interações das crianças, resolução de conflitos e mesmo para a forma como esta conduz o brincar quando este começa a desviar-se do sentido lúdico educativo.

Também a Educadora Sandra Filipe, planifica atividades lúdicas através do brincar, onde as crianças têm a oportunidade de aprender novas regras, tornam-se mais autónomas, despertam o sentido de curiosidade, exploram o que está ao seu redor, adquirem noções espaciais e temporais, aprendem a partilhar, entre outros.

No que diz respeito às entrevistas realizadas aos pais dos meninos de Jardim de Infância, para a equipa da sala não é de estranhar certas respostas. Respostas essas que me alertaram para um problema cada vez mais presente, o da condição social económica. Quando existe um equilíbrio na vida das famílias, estas acabam por passar mais tempo com os seus filhos, procuram atividades que lhes auxiliem no seu crescimento, preocupam-se com que estes estejam quase sempre ocupados a fazer atividades que lhes garantam aprendizagens e acima de tudo lhes deem prazer.

No contexto social e familiar atual, o direito à infância e ao brincar é muitas vezes esquecido, não por má vontade dos pais, mas por falta de reflexão sobre o sentido e a importância de atividades lúdicas nesta fase do desenvolvimento infantil.

Para poder brincar, a criança precisa de tempo, de espaço, de material, de parceiros, mas sobretudo que o seu ambiente reconheça a esta atividade, a devida importância.

O adulto ao interessar-se pela brincadeira demonstra interesse pela criança como um todo, visto que brincar se agrega a todas as suas facetas. Fazer a apologia da brincadeira é fazer a apologia do prazer e do momento presente, e é querer desfrutar plenamente do tempo que passa. Dar a conhecer á criança o prazer de brincar é fazê-la descobrir o prazer de se movimentar, de estar ativa, de aprender, de partilhar uma atividade divertida com os outros.

Numa sociedade de desempenho como a nossa, brincar pode ter má imagem junto de algumas pessoas e ser visto como perda de tempo. Se não compreendermos as virtudes da brincadeira, estaremos a negligenciar uma fabulosa vitamina diária para a criança, uma escola de vida sem igual é uma atividade de riqueza rara.

Ao brincar, a criança mostra-nos que sabe movimentar-se, usar os seus músculos, percebe o que a rodeia, serve-se dos materiais disponíveis, expressa sentimentos e socializa. Além disso, brincando, a criança desenvolve ainda mais as suas competências. Assim sendo, constrói a confiança de base em que se alicerçarão todas as suas realizações futuras.

Brincar não é apenas reflexo das capacidades das crianças, é também um meio por excelência de as desenvolver. A criança não brinca para aprender mas o mais maravilhoso é que aprende a diferentes níveis, sem se aperceber e com prazer. Brincar é realmente o instrumento privilegiado para o seu florescimento em diferentes esferas e para o desenvolvimento de uma atitude positiva que poderá acompanhá-la ao longo de toda a vida.

Contudo, volto a reforçar o que já disse anteriormente, a família desempenha um papel fundamental na vida da criança, onde tem de perceber que a atividade do brincar realmente é essencial para a criança, tão essencial como ela ter de aprender a ler e escrever quando entrar para o ensino primário.

A aprendizagem que surge durante o envolvimento das crianças na brincadeira é provavelmente uma das muitas razões que fazem com que, quer crianças, quer adultos, continuem a querer sempre brincar mais.

Com a realização deste trabalho, pretendi demonstrar que as atividades lúdicas espontâneas e dirigidas são importantes para o desenvolvimento pessoal e social da criança.

Com o decorrer do estágio realizado em Jardim de Infância, cheguei à conclusão que ainda existem Pais/Encarregados de Educação que veem o “Brincar” como um ato sem importância, algo que tem de ser substituído, por atividades de enriquecimento pessoal, como aulas de música, inglês, aprender a escrever, a ler, entre outros.

Um dos contras da realização da investigação ação foi a duração que esta teve para ser desenvolvida, pois para que se consiga bons resultados, no mínimo seriam necessários entre um a dois anos de investigação.

Não posso terminar este trabalho sem antes citar um poema de autoria de **Anita**

Wadley:

“*Apenas a Brincar*”

*Quando me virem a montar blocos
A construir casas, prédios, cidades
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender sobre o equilíbrio e as formas
Um dia, posso vir a ser engenheiro ou arquitecto.*

*Quando me virem a fantasiar
A fazer comidinha, a cuidar das bonecas
Não pensem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a cuidar de mim e dos outros
Um dia, posso vir a ser mãe ou pai.*

*Quando me virem coberto de tinta
Ou a pintar, ou a esculpir e a moldar barro
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a expressar-me e a criar
Um dia, posso vir a ser artista ou inventor.*

*Quando me virem sentado
A ler para uma plateia imaginária
Não riam e achem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a comunicar e a interpretar
Um dia, posso vir a ser professor ou actor.
Quando me virem à procura de insectos no mato
Ou a encher os meus bolsos com bugigangas
Não achem que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender*

*A aprender a prestar atenção e a explorar
Um dia, posso vir a ser cientista.
Quando me virem mergulhado num puzzle
Ou nalgum jogo da escola
Não pensem que perco tempo a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a resolver problemas e a concentrar-me
Um dia posso vir a ser empresário.
Quando me virem a cozinhar e a provar comida
Não achem, porque estou a gostar, que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender a seguir as instruções e a descobrir as diferenças
Um dia, posso vir a ser Chefe.
Quando me virem a pular, a saltar a correr e a movimentar-me
Não digam que estou só a brincar
Porque a brincar, estou a aprender
A aprender como funciona o meu corpo
Um dia posso vir a ser médico, enfermeiro ou atleta.
Quando me perguntarem o que fiz hoje na escola
E eu disser que brinquei
Não me entendam mal
Porque a brincar, estou a aprender.
A aprender a trabalhar com prazer e eficiência
Estou a preparar-me para o futuro.

Hoje, sou criança e o meu trabalho é brincar.*

Bibliografia

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994). “Investigação Qualitativa em Educação”. Porto: Porto Editora.

FERREIRA, Dulce (Artigo o direito a brincar p.12 – Cadernos de Educação de Infância) Maio/Agosto 2010 N°90 Edição APEI.

FERREIRA, M^o Clotilde Rosseti et al (2001). Os Fazeres na Educação Infantil. S.Paulo: Cortez Editora. ISBN: 978-852-491-463-8.

HOHMANN, Mary, WEIKART, David P. (2009). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5^a Edição. ISBN: 978-972-31-0797-5.

KAMMI, Constance (2003). “ A teoria de Piaget e a Educação Pré-escolar”. Lisboa: 3^oEdição, Instituto Piaget.

KISHIMOTO, T.M. (1998). “ O brincar e suas teorias”. São Paulo, 2^o Edição. Pioneira.

LONGUINI, Jacqueline R. L. M. - A importância do brincar. In: REVISTA CIRANDAR, N° 01, Hortolândia, jul. 2007.

(Disponível em: <http://www.hortolandia.sp.gov.br/novo/informativoradar.htm>)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Departamento da Educação Básica. ISBN: 972-742-087-7.

PIAGET, Jean. (1973). “ A formação do símbolo na criança”. 3^oEdição Rio de Janeiro, Zahar.

SIM-SIM, Inês, SILVA, Ana Cristina, NUNES, Clarisse (2008) Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância - Textos de Apoio para Educadores de Infância - Ministério da Educação, ISBN 978-972-742-288-3.

SPRINTHALL, N. A & R. SPRINTHALL (2000). Psicologia Educacional – “Uma abordagem desenvolvimentista”. Editor Mc Graw-Hill. ISBN: 9789729241376.

SPODEK, B. (Org.), (2002). “Manual de Investigação em Educação de Infância”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TUCKMAN, Bruce, W. (2012). "Manual de Investigação em Educação". Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição. ISBN:978-972-31-1434-8.

VASCONCELOS, Teresa (coordenação) (2000). A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Primeira Infância em Portugal. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica. ISBN: 972-742-133-4.

VYGOTSKY, L. (1991). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

WALLON, Henri (1979). Psicologia e Educação da criança. Lisboa: Vega/ Universidade.

WINNICOTT, D.W. (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.

Documentos educativos consultados:

- Projeto Curricular de Sala – Creche e Jardim de Infância 1º Maio – Educadora Lurdes Barradas, ano letivo 2010/2011;
- Projeto Educativo – Creche e Jardim Infância 1º Maio – 2010/2011;
- Regulamento Interno – Colégio do Vale, Marisol, Charneca da Caparica– 2010/2011;
- Projeto Pedagógico Sala Laranja – Educadora Sandra Filipe, ano letivo 2010/2011;
- Diário da Republica 1 – Série A – N°201, pag.5572;

Sites Consultados:

- http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- <http://infantilidades.wordpress.com/2013/05/21/just-playing/>

Anexos

Entrevistas às Educadoras

Educadora Lurdes Barradas Jardim de Infância 1º Maio:

1ª Como profissional de Educação, o que significa para si o Brincar?

O brincar é uma das formas mais comuns do comportamento humano, principalmente durante a infância. É uma ferramenta, por excelência, para que a criança desenvolva suas habilidades, ou mais do que uma ferramenta, o brincar é uma condição essencial para o desenvolvimento psico e social da criança. Quando brincam elas formam os seus pares, os seus pequenos grupos, onde por vezes sem segundas intenções acabam por colocar de parte alguns amigos com quem não tem tanta afinidade. E através do brincar elas aprendem regras, socializam, exploram tudo à sua volta.

2ª O que desenvolve na criança?

Acima de tudo desenvolve o pensamento, a motricidade fina e grossa, a linguagem, a habilidade motora e tantos outros.

Na minha opinião o brincar deve estar presente no dia-a-dia da criança, é um direito que esta tem, onde é através desse ato que ela aprende, experimenta, descobre, aprende a tornar-se autónoma, adquire noção temporária, gere conflitos, etc. Ao fim ao cabo o brincar acaba por ser o “trabalho” da criança, onde é estimulado a curiosidade, a autoconfiança, a concentração, regras de convívio.

3ª Ao longo da sua prática pedagógica como "emprega" o brincar nas atividades do dia-a-dia?

É nossa responsabilidade como educadores garantir os espaços e os tempos para que as crianças possam brincar com qualidade. Assim tento organizar a sala com materiais abertos (ou seja que permitam diferentes explorações pela criança) e que garantam diferentes possibilidades de experimentação lúdica, as crianças têm acesso diário a brinquedos de variados materiais, como tecido, plástico, madeira e espuma. Há também aqueles que não parecem, mas são brinquedos também, como pedras, paus e areia.

A sala está estruturada de forma a permitir que as crianças possam escolher as brincadeiras e brincar livremente, de forma autónoma.

A organização do tempo permite a existência de diferentes espaços onde as crianças podem brincar autonomamente e livremente e espaços (tempos) para a existência de brincadeiras mais dirigidas e coletivas pois a brincadeira em grupo favorece alguns princípios como o compartilhar, a cooperação, a liderança, a competição, a obediência às regras.

Procuro que existam momentos durante a brincadeira em que o adulto esteja presente e brinque junto com a criança, pois nesse momento a interação faz muita diferença, ou seja, o adulto pode contribuir na evolução ou condução da brincadeira.

O Educador pode (e deve) estimular a imaginação das crianças, despertando ideias, questionando-as para que elas próprias procurem soluções para os problemas que surjam. É importante ressaltar que o brincar com alguém reforça os laços afetivos. Um adulto, ao brincar com uma criança, estará fazendo uma demonstração de amor. A participação do adulto na brincadeira eleva o nível de interesse, enriquece e estimula a imaginação das crianças.

4ª Na sua opinião como é visto o "Brincar" pelos pais da sociedade atual?

Isso depende de cada família, pois neste grupo temos pais que realmente dão o devido valor ao brincar mas também temos o contrário, onde para eles brincar é passar o tempo.

Temos aqui alguns pais e avós que já não tem muita paciência para as brincadeiras com as crianças e quando estas chegam a casa, para as manterem sossegadas colocam-nas à frente da televisão para que vejam os seus desenhos animados preferidos e assim não fazem barulho nem chateiam ninguém. Mas também como já disse temos aqui pais que são exatamente o oposto, mesmo após um dia de trabalho dedicam todo o tempo aos seus filhos, entram nas suas brincadeiras, proporcionam-lhes atividades ao fim de semana, como idas a partes infantis, visitas a ludotecas, visitas a teatros, etc.

Talvez esta diferença de pais para pais possa também ela estar relacionada com algum estatuto social, digo eu.

Educadora Sandra Galo Colégio do Vale (Valência Creche):

1ª Como profissional de Educação, o que significa para si o Brincar?

No meu ponto de vista o Brincar é um espaço (físico e temporal) onde as aprendizagens são feitas de uma forma mágica. Através da manipulação/exploração de diversos materiais didáticos, materiais recicláveis, recurso a fantasias, fantoches, contos de histórias, poemas, acompanhados ou sozinhos, tudo é propício para o brincar.

2ª O que desenvolve na criança?

- Quando a criança brinca esta desenvolve a sua capacidade de comunicação.
- Aprende a expor as suas ideias, criar diálogos.
- Desenvolve também a capacidade de relacionamento.
- Saber colocar-se no papel do outro.
- Saber esperar pela vez.
- Saber resolver problemas.
- Respeitar regras;
- Desenvolve a criatividade.
- Saber transformar os materiais/espacos disponíveis naquilo que bem quisermos.
- Desenvolve o conhecimento do mundo.
- Saber como as coisas são e como se processão.

3ª Ao longo da sua prática pedagógica como "emprega" o brincar nas atividades do dia-a-dia?

O brincar está presente ao longo de todo o dia. Não existe hora definida, nem dia definido para brincar. Brincar é tão importante como qualquer outra atividade. Como adulto por vezes estabeleço momentos que considero serem importante estar junto das crianças e simplesmente brincar com elas (brincar com o olhar de educador).

4ª Na sua opinião como é visto o "Brincar" pelos pais da sociedade atual?

Nos dias que correm penso que existem dois grupos distintos de pais. Aqueles que consideram fundamental o brincar para o bem-estar e desenvolvimento harmonioso da

criança e aqueles que consideram que brincar é apenas a criança estar entretida e passar o tempo.

Educadora Teresa Matos Colégio do Vale (Valência Berçário):

1ª Como profissional de Educação, o que significa para si o Brincar?

Na minha opinião os profissionais de educação cuidam do ambiente educativo de modo a desenvolver e não impedir o desenvolvimento adequado. Para tal colocam ao dispor das crianças diferentes materiais, de uma forma gradual e adequada, mas sempre com intencionalidade educativa realizando ainda respetivos registos, fruto das observações cuidadas. Organizam o espaço de modo a promover possibilidades diversas de brincar.

BRINCAR com diferentes brinquedos com diferentes texturas, pesos, formas... é sem dúvida fundamental para o crescimento e desenvolvimento equilibrado, porque as crianças aprendem “coisas da vida” e como dizem os investigadores através do brincar as sinapses aumentam (conexões neurais) e promove-se efetivo desenvolvimento.

O Brincar para uma criança é fundamental, tão fundamental com comer, respirar...sim acredito mesmo nisto, porque se uma criança não brinca fica com “insuficiências” de conhecimento, de competências em termos de crescimento e desenvolvimento e capacidade de lidar com o quotidiano, com as vivências diárias.

O BRINCAR é a atividade espontânea que deve ocupar mais tempo da vida de uma criança principalmente nos primeiros anos de vida.

Como profissional não posso deixar de referir um importante documento, produzido pela APEI (grupo do qual fiz parte) que foi publicado em 2009 DIREITO À EDUCAÇÃO DESDE O NASCIMENTO, no qual se inclui o seguinte:

Direito ao Jogo e à Brincadeira “ A infância constrói-se no brincar”

É a possibilidade de livre experimentação em situação protegida que distingue o jogo do não jogo. Pode agora definir-se jogo como uma atividade auto-motivada, que possui a característica de ser uma alegre troca social, com o adulto de referência e posteriormente com os pares, ampliando-se igualmente ao mundo dos objetos, das suas propriedades e embrionárias formas lógicas, de um modo entrelaçado de cognição e de afeto.

Para Anna Bondioli no texto A Dimensão Lúdica na Criança de 0-3 anos ... “ a interação adulto-criança e adulto-grupo (...) constitui um elemento fundamental para caracterizar

qualitativamente a creche como espaço educacional, sobretudo, em relação ao jogo que é um dos mais difundidos e espontâneos comportamentos infantis” - Grupo Creche APEI – Outubro 2009

2ª O que desenvolve na criança?

Ao longo dos meus 30 anos como educadora e formadora costumo usar estes textos para mostrar quão fundamental é brincar desde o nascimento...

Brincar está profundamente ligado à aprendizagem, principalmente nos primeiros anos, e é através dos brinquedos e das brincadeiras que a criança descobre o seu papel no mundo. (Ana Cáceres Monteiro)

Brincar permite aprender...como? desde quando?...desde muito cedo

Brincar com o corpo – o corpo (as mãos...as pernas...os braços...o corpo da mãe...) Experimentar calor, segurança, previsibilidade...

Brincar/explorar o espaço – gatinhar...andar...equilibrar-se...correr. As relações espaciais (longe...perto...grande...pequeno...);

Brincar/explorar os objetos – selecionar, ordenar, comparar, classificar, contar... “operações” fundamentais para o desenvolvimento do pensamento matemático; a relação entre os objetos (muito...pouco...cheio...vazio...grande...pequeno...);

Brincar/explorar os acontecimentos – viver as rotinas, prever os acontecimentos Integrar a sucessão das “coisas”, experimentar a estabilidade, a confiança, a segurança (noção do tempo);

Brincar/explorar as palavras e a linguagem – saber que as “coisas” têm nomes; comunicar, interagir; desenvolver a abstração, a inteligência “pré- requisitos” para a escrita e o cálculo.

O brincar espontâneo e o jogar proporcionam oportunidades para :

Explorar, experimentar, manipular...

Essenciais para construir conhecimento – para desenvolver o pensamento representativo (ser capaz de reconhecer que as coisas existem, mesmo sem estarem na nossa presença – a permanência do objeto).

Enquanto brinca a criança expressa e representa as suas ideias, pensamentos e sentimentos;

Aprende a lidar e a interagir com o mundo físico (os objetos);

Com as pessoas (crianças e adultos);

Aprende a resolver conflitos;

Aprende a ganhar sentimentos de competência “eu sou capaz”;

Desenvolve a sua imaginação e criatividade (o faz de conta)

O brincar das crianças aparece aos olhos dos adultos como uma atividade muito desorganizada e pouco consistente.

3ª Ao longo da sua prática pedagógica como "emprega" o brincar nas atividades do dia-a-dia?

Tal como disse anteriormente o BRINCAR é a atividade espontânea que deve ocupar mais tempo da vida de uma criança principalmente nos primeiros anos de vida.

Nos últimos 10 anos da minha atividade profissional, tenho sido educadora de Creche Berçário e 1 ano e como tal organizo o espaço e os materiais, bem como os momentos do dia para que os bebés possam brincar de uma forma livre e espontânea, mas também organizamos outros momentos com brincadeiras e descobertas mais estruturadas de modo a proporcionar diferentes materiais, descobertas...

A publicação de Goldschmied (2006) sobre o brincar heurístico também tem sido fundamental

“A observação do brincar é, ao mesmo tempo, um processo exigente e gratificante para o profissional, desafiando-o a aprender a partir do que ele observa no comportamento espontâneo do bebê.

O brincar fornece oportunidades para uma cuidadosa observação dos bebês em atividades que eles mesmos escolheram e que são relevantes e significativas para eles”.

Kalvaboer (1977) apud Moyles (2006) salienta um ponto relevante referente à observação: Somente reservando um tempo para observar as crianças e, às vezes, brincar com elas, e perto delas, é que os adultos serão capazes de reconhecer que o brincar contém informações cruciais sobre o nível de desenvolvimento das crianças, sobre suas capacidades organizadoras e sobre seu estado emocional. (Kalvaboer, 1977, p. 121)

Na Creche as rotinas securizantes ocupam a maior parte do tempo (acolhimento, repouso, refeições, regresso á família) tudo intercalado com muitos momentos de brincar, explorar, de uma forma ativa.

4ª Na sua opinião como é visto o "Brincar" pelos pais da sociedade atual?

Penso que cada vez os pais vão estando mais informados sobre a importância do BRINCAR, mas nem sempre têm a perspectiva mais correta. Ou seja, muitos pais e famílias com mais poder económico pensam que se oferecerem brinquedos caros e muito sofisticados contribui pra o desenvolvimento equilibrado da criança. Esquecem-se que seria muito mais importante brincar com os filhos, dedicar tempo ou apenas prestar atenção aos filhos.

Temos de continuar a mostrar, demonstrar aos pais como é importante e fundamental brincar nas várias fases do desenvolvimento.

Na Convenção sobre os Direitos da Criança, da ONU, reconhece-se o direito a brincar para todas as crianças, (artigo 31º) independentemente da sua condição social, da cultura religiosa e política da sua família, do seu país de origem.

De qualquer forma parece não haver dúvidas que em termos de desenvolvimento todas as crianças realizam um conjunto de brincadeiras (experiências lúdicas), que de acordo com a sua idade, contribuem para favorecer: O conhecimento de si próprio; Entrar em relação com os outros; Relacionar-se e conhecer o meio envolvente.

JACKIE SILBERG afirma “os bebés precisam de experiências táteis para fazer “crescer” o cérebro e desenvolver o cérebro e o corpo. Estas experiências são tão vitais como os nutrientes e as vitaminas,”. Esta é uma frase que eu coloco sempre na primeira reunião de pais de cada ano letivo.

Entrevistas aos Encarregados de Educação

Mãe do Tiago:

1. O Tiago brinca muito?

R: Sim, o Tiago passa horas a brincar, quer esteja sozinho ou acompanhado, porém em casa tentamos sempre fazer com que ou eu ou o pai brinquem com ele.

2. Para si, consegue explicar o que significa brincar ou brincadeira?

R: Para mim o brincar ou brincadeira como disse é o momento ao qual a criança está envolvida no mundo imaginário, onde interage e reage muitas vezes imitando os adultos. É importante que haja tempo para brincar, quer seja em casa como no jardim-de-infância, é uma forma de adquirir conhecimentos e realizar novas aprendizagens.

3. É importante que o seu filho brinque? Sozinho ou acompanhado?

R: Sim é muito importante, e no caso de haver oportunidade seria ideal que o adulto estivesse sempre nesses momentos, caso contrario se possível também penso que brincar com um ou mais amigos será benéfico para ele.

4. Acha que o tempo destinado ao brincar no jardim-de-infância é suficiente ou é em demasiado?

R: Pelo que vejo a Educadora Lurdes distribui de forma estupenda os timings corretos referente a cada momento do dia. Há sempre tempo para aprender de forma mais séria, talvez quando for para a primária brincar menos, o que eu discordo.

5. Devemos nos adultos interromper uma brincadeira?

R: Depende, se virmos que a brincadeira se está a desviar para maus caminhos à que se intervir, senão é deixá-los brincar.

Mãe do Marco:

1. O Marco brinca muito?

R: Sim, ele passa o dia todo a brincar, aqui e em casa não faz outra coisa.

2. Para si, consegue explicar o que significa brincar ou brincadeira?

R: Brincar é quando as crianças estão entretidas umas com as outras, jogam à bola, com bonecos, com carrinhos, fazem desenhos, e por ai fora.

3. É importante que o seu filho brinque? Sozinho ou acompanhado?

R: Se é importante? Sei lá... acho que sim. Ele aqui brinca com os colegas, em casa brinca com a avó, às vezes eu brinco com ele e ele também brinca com os amigos na rua.

4. Acha que o tempo destinado ao brincar no jardim-de-infância é suficiente ou é em demasiado?

R: é bom, ele gosta de vir para aqui brincar. Quando lhe pergunto o que fez na escola responde sempre “binquei”.

5. Devemos nos adultos interromper uma brincadeira?

R: Aiii, eu faço isso tantas vezes. Os vezes quero que ele venha comer e ele não quer porque quer brincar. Tenho de me chatear com ele e obriga-lo a parar de brincar senão ele nem vai comer. Ou se ele esta a brincar com outros amigos e começam à bulha lá vou eu acabar com a brincadeira deles.

Mãe do Gonçalo e Bernardo:

1. O Gonçalo e o Bernardo brincam muito?

R: Sim, levam o dia todo a brincar, mas mais o Gonçalo, o Bernardo gosta mais de andar de volta dos adultos a pedir mimos.

2. Para si, consegue explicar o que significa brincar ou brincadeira?

R: Ora bem, brincar ou brincadeira é o momento em que eles interagem entre si, eles brincam bastante mesmo.

3. É importante que os seus filhos brinquem? Sozinhos ou acompanhados?

R: Eles são dois, então acho que é importante brincarem juntos. Podem aprender a partilhar, zangam-se, batem-se, mas depois fazem as pazes, assim crescem mais rápido e vão aprendendo a lidar com situações do dia-a-dia. Às vezes zango-me com eles pois brincam e gritam, desarrumam tudo, enfim, mas são crianças.

4. Acha que o tempo destinado ao brincar no jardim-de-infância é suficiente ou é em demasiado?

R: Eu não passo cá o dia todo, logo não sei se é pouco ou muito, mas acho que é o suficiente. A Educadora Lurdes tem ajudado muito o meu Gonçalo pois ele tem alguns problemas. Sei que quando trabalham o Bernardo concentra-se mais que o Gonçalo, e até houve uma vez que o Gonçalo me disse que tinha aprendido a contar os números com um jogo que fez com a Lurdes, ele falou-me de fios e botões...já não me lembro bem.

5. Devemos nos adultos interromper uma brincadeira?

R: Não, temos de os deixar brincar, faz-lhes bem e ficam todos alegres e bem dispostos, se vamos acabar com a brincadeira metem-se logo a chorar.

Entrevistas às Crianças do Jardim-de-Infância

Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 3 anos:

1ª Criança:

Estagiária Tânia: Jacira, o que é para ti brincar?

Jacira: É dizer ao outra, a Bia até não me deixa bincar com ela.

Estagiária Tânia: Não deixa? Porquê?

Jacira: Porque ela só quer bincar com as outas.

Estagiária Tânia: Não quer brincar contigo? Porquê?

Jacira: (Acena com a cabeça dizendo não)

Estagiária Tânia: Não, porque ela...eu tou a andar num carrinho e depois alguém pede pa andar, o que quer sempre os carrinhos, depois quer-me sempre dar palmadas.

Estagiária Tânia: Mas o que é afinal brincar?

Jacira: É dizer aos outos se podemos bincar e bincar é dizer às outas.

Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 4 anos:

2ª Criança:

Estagiária Tânia: Gonçalo P. o que é para ti brincar?

Gonçalo P. : É brincar com as mãos, andar nos carros, divertimos.

3ª Criança:

Estagiária Tânia: Diogo, o que é para ti brincar?

Diogo: Brincar é na casinha, nos médicos e também...mais nada.

Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 5 anos:

4ª Criança:

Estagiária Tânia: Carolina, o que é para ti brincar?

Carolina: Eu, brincar para mim é brincar com os amigos, brincar com todos, brincar com os bebés e também brincar com os pais, brincar com todos.

5ª Criança:

Estagiária Tânia: Mafalda, o que é para ti brincar?

Mafalda: O brincar é divertir mais e brincarem alegres e felizes. É pós meninos aprenderem mais coisas e divertirem.

Estagiária Tânia: Como é que se brincar?

Mafalda: Bincamos às coisas e os binquedos aos outos pa saberem bincar.

Estagiária Tânia: Tu gostas de brincar sozinha ou com os amigos?

Mafalda: Às vezes sozinha quando tou tiste. Mas normalmente gosto de bincar com os amigos.

6ª Criança:

Estagiária Tânia: Marco, o que é para ti brincar?

Marco: Brincar é brincarmos, correr...ah ah...andar nos carros e mais nada.

7ª Criança:

Estagiária Tânia: Mariana, o que é para ti brincar?

Mariana: Eu binco com os meus colegas, depois começo a ir para casa e hoje vou para casa ao fim dalmoço porque hoje vou ao cinema.

Estagiária Tânia: E vais brincar?

Mariana: Sim, com o meu pai e minha mãe e com o meu primo Diogo e com o Rodrigo meu amigo.

8ª Criança:

Estagiária Tânia: David, o que é para ti brincar?

David: É brincar aos bonecos.

Estagiária Tânia: E mais?

David: Aos carros...é isso. Eu brinco com bonecos.

Estagiária Tânia: E brincar é o quê?

David: Com bonecos.

Estagiária Tânia: E é fazer o quê?

David: A ver luta, e mais drumir.

Estagiária Tânia: Isso também é brincar? Dormir é brincar?

David: Olha quando se tá a brincar é que vai drumir.

Estagiária Tânia: Depois de brincar é que vamos dormir?

David: (Acena sim com a cabeça)

Estagiária Tânia: Mas quando estamos a brincar, o que é que fazemos?

David: Tamos a brincar porque na rua tá de dia.

Estagiária Tânia: Ah, então e o que fazemos quando brincamos? Corremos, e mais?

David: Eu tou sempre a correr.

Transcrição das entrevistas individuais às crianças na faixa etária dos 6 anos:

9ª Criança

Estagiária Tânia: Duarte, o que é para ti brincar?

Duarte: Brincar é divertir, correr, jogar e ver livros.

10ª Criança:

Estagiária Tânia: Marta, o que é para ti brincar?

Marta: Brincar é com os nossos amigos, brincar na rua, brincar com os bebés na casinha e mais a Carolina.

11ª Criança:

Estagiária Tânia: Tiago, o que é para ti brincar?

Tiago: Para mim brincar é trabalhar, porque quando nós fazemos um trabalho, estamos a aprender mais.

12ª Criança:

Estagiária Tânia: Bernardo, o que é para ti brincar?

Bernardo: É brincar com os amigos, brincar na casinha com os brinquedos, nos médicos, brincar com os amigos e fazer desenhos pós amigos.

13ª Criança

Estagiária Tânia: Beatriz, o que é para ti brincar?

Beatriz: Brincar é onde podemos saltar, andar no escorrega, andar nos baloiços, andar em todas as outras coisas onde podemos baloiçar-nos ou escorregar. E brincar também é brincar com os outros, e quando alguém pede para brincar nós temos que deixar brincar.